

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

EMILIO ALVES AUGUSTO

**A HISTORIOGRAFIA E A DISSOLUÇÃO DE UM PAÍS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O FIM DA IUGOSLÁVIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA EM
ERIC J. HOBSBAWM E TONY JUDT**

**GUARULHOS
2021**

EMILIO ALVES AUGUSTO

**A HISTORIOGRAFIA E A DISSOLUÇÃO DE UM PAÍS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O FIM DA IUGOSLÁVIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA EM
ERIC J. HOBSBAWM E TONY JUDT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel e Licenciado em História
Universidade Federal de São Paulo

Orientador: Fabio Franzini

**GUARULHOS
2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Alves Augusto, Emilio.

A Historiografia e a dissolução de um país : Uma reflexão sobre o fim da Iugoslávia e a escrita da História em Tony Judt e Eric J. Hobsbawm / Emilio Alves Augusto. – 2021. – 64 f.

Trabalho de conclusão de curso/Dissertação/Tese (Bacharelado/Licenciatura em História). – Guarulhos : Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Fabio Franzini.

Título em [Inglês]: [The Historiography and the break-up of a country: An analysis about the writing of History present on Tony Judt and Eric J. Hobsbawm].

1. História da Historiografia. 2. Dissolução da Iugoslávia. 3. Economia. 4. Política. 5. Sociedade. I. Orientador. II. Título.

EMILIO ALVES AUGUSTO

**A HISTORIOGRAFIA E A DISSOLUÇÃO DE UM PAÍS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O FIM DA IUGOSLÁVIA E A ESCRITA DA HISTÓRIA EM
ERIC J. HOBSBAWM E TONY JUDT**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel e Licenciado em História

Orientador: Fabio Franzini

Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Fabio Franzini
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Luigi Biondi
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Janes Jorge
Universidade Federal de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Professora Márcia D'Aléssio (*in memoriam*) pela inspiração e exemplo de olhar para nosso ofício como parte fundamental da resistência às mazelas e desigualdades do mundo, buscando sempre um futuro melhor e igual para todos.

Ao Professor Fabio Franzini pela paciência e atenção com as minhas dúvidas e ansiedades ao longo desse percurso, sempre me incentivando que há luz no fim da monografia; e à toda comunidade da UNIFESP pela oportunidade de poder estudar numa das melhores universidades do mundo de forma gratuita e com qualidade incomensurável, tendo sempre o apoio e carinho de todos.

Aos meus pais Noemi e Emilio e minha irmã Grazielle, que sempre fizeram de tudo e mais um pouco para que eu pudesse ter a melhor educação, moral, ética e valores possíveis, buscando sempre me criar para enfrentar o mundo de peito aberto e sem medo, e me ajudando a levantar sempre que onda era mais forte que eu.

Às minhas tias Ruth e Miriam e ao meu tio Marcos, que, assim como meus pais, sempre lutaram para que eu pudesse crescer nas melhores condições possíveis, sempre me salvando nos apuros e encrencas que eu passei na escola e na vida.

Aos meus tios Claudio e Angela e minha prima Natália, que foram fundamentais no momento mais difícil de minha vida até agora e me acolheram graciosamente em sua casa, fazendo os papéis de pais e amigos quando os meus não podiam e me ensinando que com carinho, sabedoria, esperança e uma chave Philips podemos consertar o mundo.

Aos meus padrinhos Maria Luiza e Dárcio e meus primos Dárcio e Gian, que sempre me apoiaram e torceram por mim, me ensinando a ver na vida um desafio que pode ser encarado com alegria e descontração, pois o final sempre é feliz e tem churrasco.

Aos meus primos Carlos, Paulo, Lineu e sua esposa Ana, por serem o meu exemplo de como a universidade é importante e pode moldar nosso futuro para melhor.

Aos meus amigos, pelas conversas comunistas e loucuras que fizemos ao longo da vida, crescendo e aprendendo juntos a sermos melhores.

Às minhas eternas chefes Florence, Yvanize e Natalia, e aos meus colegas de trabalho no Museu Florestal, que me ajudaram a tornar o profissional que sou e a afrontar aquilo que é errado, indagando o que é melhor para todos, sempre. Sem elas talvez não estivesse aqui escrevendo esta conclusão de curso.

Por fim, agradeço à minha namorada Alicea e sua família, que, do jeito que podiam, me apoiaram nestes 4 anos e me ajudam sempre a ver o mundo de forma colorida e alegre.

Terça-feira, 21 de abril de 1992

Dear Mimmy,

Hoje, Sarajevo está um horror. As granadas caem, das grandes, crianças são mortas, disparam de todos os lados. Sem dúvida vamos ter que passar a noite no porão.

(FILIPOVIĆ, Zlata, 1992)

RESUMO

O objetivo desta Monografia de Conclusão de Curso é compreender como ocorre o processo de escrita da História e quais são os fatores e nuances que a permeiam. Para isto, o presente trabalho atém-se à análise de um acontecimento histórico específico, a dissolução da Iugoslávia no final do século XX, sob a ótica de dois grandes historiadores: Eric J. Hobsbawm e Tony Judt. A partir deste recorte, pretende-se entender quais são os argumentos apontados por ambos os historiadores sobre o evento e quais são as condições que permitem a sua produção. Por fim, os posicionamentos serão confrontados para que seja possível constituir um debate que proporcione novos questionamentos, tanto para a História da Historiografia, quanto sobre a dissolução da Iugoslávia.

Palavras-chave: História da Historiografia. Dissolução da Iugoslávia. Economia. Política. Sociedade.

ABSTRACT

The purpose of this monographic work is to understand the writing of History process and what factors have an effect on it. To this end, the research will focus on the analysis of a specific historical event, the dissolution of Yugoslavia at the end of the 20th century, under the perspective of two great historians: Eric J. Hobsbawm and Tony Judt. From this point, the aim is to understand the arguments (and the conditions of its productions) presented by the two historians about the matter. Lastly, the arguments will be confronted in order to compose a discussion that allows the emergence of the questions, both for the History of Historiography and for the dissolution of Yugoslavia.

Keywords: History of Historiography. Dissolution of Yugoslavia. Economy. Policy. Society.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. O MULTICULTURALISMO COMO “INIMIGO” DA NAÇÃO	12
1.1 UM QUEBRA-CABEÇAS CHAMADO IUGOSLÁVIA	12
1.2 O MODELO DE GESTÃO IUGOSLAVO E A ECONOMIA PÓS-GUERRA	15
1.3 REVERBERAÇÕES DO TEMPO PASSADO EM NOSSO PRESENTE	18
2. A ESCRITA DA HISTÓRIA DE HOBSBAWM, A ERA DOS EXTREMOS E A IUGOSLÁVIA	23
2.1 QUANDO A VIDA E A HISTÓRIA SE ENTRELAÇAM	23
2.2 A ERA DE HOBSBAWM	24
2.3 O “DESMORONAMENTO”	29
3. A ESCRITA DA HISTÓRIA EM JUDT, O PÓS-GUERRA E A IUGOSLÁVIA	39
3.1 SUJEITO E ESCRITOR DE SEU PRÓPRIO TEMPO	39
3.2 <i>PÓS – GUERRA</i> E O FIM DO SÉCULO XX	41
3.3 O AJUSTE DE CONTAS DE UM CONTINENTE DIVISÍVEL	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão historiográfica acerca do processo de dissolução da Iugoslávia por meio do trabalho de dois historiadores: Eric John Ernest Hobsbawm e Tony Robert Judt. Busca-se assim entender quais são as características da escrita historiográfica de ambos (como pensam e o que entendem sobre a História; quais fatores marcam as suas narrativas; quais argumentos são apresentados sobre o tema; qual o “lugar social”¹ dos textos a serem abordados; quais as divergências encontradas) para que seja possível refletir tanto sobre como ocorre a desintegração da Iugoslávia e quais foram suas causas, bem como o processo de operação historiográfica que constitui a narrativa do tema.

Pretende-se então construir um balanço comparativo entre os autores e suas narrativas, a fim de trabalhar as hipóteses e divergências que ambos apresentam sobre o recorte escolhido. Nesse sentido, parte-se do princípio de que:

[...] o gesto que liga as ideias aos ‘lugares’ é, precisamente, um gesto de historiador. Compreender, para ele, é analisar em termos de produções localizáveis o material que cada método instaurou inicialmente segundo seus métodos de pertinência.²

Entender como ocorre a operação historiográfica de grandes autores como Hobsbawm e Judt permite ganhos efetivos para o pesquisador, pois, ao estarmos tratando os historiadores como fonte primária e, ao mesmo tempo, fonte bibliográfica, conseguimos nos aprofundar no lado mais teórico da construção da narrativa histórica. Isto acarreta numa reflexão de cunho mais filosófico sobre nossa produção, nosso lugar perante a sociedade (seja como classe ou setor social/profissional, seja como cidadão), nosso passado (coletivo ou privado) e também sobre temas que estão em constante conexão com o tempo que vivemos (economia, história, violência, política, etc.).

Importante frisar que a análise de uma narrativa também pode ser abordada por outros campos do conhecimento, por exemplo, a linguística e a gramática, mas abordar o tema pelo viés da história da historiografia implica em estudar a História em sua completude, ou seja, entender que, para além do texto em si, temos outros elementos que se entrecruzam e

¹ CERTEAU, Michel de. Capítulo II – A operação Historiográfica. **A escrita da História**. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.

² Ibid., P.64.

proporcionam a singularidade desse tipo de narrativa perante outras. Nesse sentido, devemos entender que:

O historiador é um sujeito subjetivo, isto quer dizer que ele tem seus próprios valores, suas ideias, sua forma de pensar que é singular, suas ideologias, seu imaginário, enfim, devemos pensar que ele é um sujeito pensante que tem uma determinada sensibilidade.³

É importante também delimitarmos que, apesar da História não apresentar um único modelo determinante de método para abordagem dos temas, trabalhamos com uma forma marcante que, de maneira geral, configura o que chamamos de historiografia, como aponta Canabarro (2008): “A narrativa histórica é a base da escrita da história, quando escrevemos, escrevemos com embasamento, tendo sim a subjetividade como fator condutor da escrita, mas controlada pelos próprios dados coletados e pela teoria que nos cerca.”⁴

Nesse sentido, a ambição de produzir esta pesquisa tem como principal objetivo o aprofundamento pessoal do pesquisador com a profissão que escolhera trilhar, a fim de poder usufruir de suas ferramentas em seu cotidiano.

A pretensão específica deste trabalho é a análise dos capítulos finais dos livros: *A Era dos Extremos: O breve século XX* (Parte Três: O Desmoronamento) de Eric J. Hobsbawm e *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945* (Quarta parte: Depois da Queda: 1989-2005), de Tony Judt. Com isso, a pesquisa planeja apresentar as características narrativas de ambos sobre o processo de dissolução da Iugoslávia, buscando discutir os argumentos utilizados para justificar o fato histórico ocorrido. Em paralelo, programa-se debater sobre a essência da escrita historiográfica e toda sua complexidade, numa tentativa de compreender melhor os marcadores que a compõem enquanto área do conhecimento e campo de pesquisa e estudo consolidado.

O trabalho será dividido em três capítulos, sendo eles: “O multiculturalismo como inimigo da nação”, onde irei expor brevemente a história da região dos Balcãs, além de apontar como a história, a memória e o tempo presente dialogam constantemente entre si,

³ CANABARRO, Ivo dos Santos. “Teoria e Métodos da História I”. **Coleção Educação a Distância**, Editora Unijuí, Rio Grande do Sul, 2008. P.11

⁴ Ibid., P.15

atuando diretamente no nosso cotidiano⁵; “A escrita da história de Hobsbawm, os extremos e a Iugoslávia”, no qual será contada um pouco história de vida de Eric Hobsbawm e seu posicionamento com relação ao tema do trabalho. No último capítulo “A escrita da história em Judt, o pós-guerra e a Iugoslávia” irei apresentar a vida do escritor e seu posicionamento acerca do tema deste texto.

Quando trabalhamos com a bibliografia historiográfica como fonte primária e, ao mesmo tempo, bibliografia de nosso tema, devemos ter particular preocupação com o método de abordagem que vamos utilizar para melhor aproveitarmos as ferramentas dispostas para refletir sobre a História. Os autores Pedro Caldas, Cristiano Arrais e Rogério Silva, ao comentarem sobre o modelo de análise teórica de Rüsen apresentam-o como um recorte interessante de análise da operação historiográfica, delimitando este da seguinte forma:

	<p>Heurística: Operação de recolhimento e seleção das fontes; “[...] momento em que o saber teórico toma a forma de questionamentos claros e abertos à experiência, ao mesmo tempo em que produz uma estimativa metodologicamente regulada do que as fontes podem dizer [...]”⁶</p>
<p>Operações processuais da pesquisa histórica:</p>	<p>Crítica: Operação que busca extrair das fontes selecionadas informações e questionamentos que irão contribuir para a pesquisa histórica, produzindo assim um conjunto de sínteses e garantindo credibilidades às informações utilizadas.</p>
	<p>Interpretação: Momento de compilação das informações obtidas através das fontes primárias e bibliográficas e de análise das mesmas, tendo como resultado a intenção de propor uma abordagem sobre a hipótese inicialmente construída, ainda que esta não produza respostas (e inclusive, talvez novas perguntas).⁷</p>

⁵ Importante ressaltar que irei abordar mais a história da região no fim do século XIX e durante o século XX, visto que o cerne do trabalho está na escrita da história da dissolução da Iugoslávia, sendo necessário então optar por um recorte mais aproximado do tema.

⁶ ARRAIS, Cristiano Alencar. “Métodos e Perspectivas na teoria da História de Jörn Rüsen”. **Rev. História da Historiografia**, N°05, Ouro Preto, Set. de 2010. P.221

⁷ Caldas, ao comentar sobre a aplicabilidade do método Hermenêutico de Rüsen ligado às operações processuais da História, descreve que a <Interpretação Hermenêutica> é o momento de historicizar a pesquisa e os materiais,

	<p>Analítica: “Na analítica, abordam-se as experiências nas quais o tempo é experimentado como limite definidor das possibilidades do agir.”⁸</p> <p>Momento em que se examina os fatos ocorridos e seus contextos e circunstâncias.</p>
<p>Operações substanciais da pesquisa histórica:</p>	<p>Hermenêutica: Momento em que se cruzam os questionamentos constituídos pelo objeto da pesquisa com “[...] às nuances do universo de sentido das experiências do passado, isto é, ao conjunto de manifestações que exteriorizam as intenções dos homens do passado.”⁹</p>
	<p>Dialética: Momento de combinação das experiências adquiridas durante os processos de análise e hermenêutica do objeto de pesquisa, a fim de constituir um produto que transita tanto no tempo humano, quanto no tempo natural, sendo então historicizado.¹⁰</p>

Aliado a este modelo de interpretação, podemos acrescentar os questionamentos apresentados por Certeau, em *A escrita da História* sobre os chamados “lugares sociais” da História e a função que esta área tem. Devemos então entender que, para que um trabalho adquira o signo de historiografia, este deve passar por um conjunto de etapas que estão para além do método (ainda que o método dialogue constantemente com estas etapas), como a aprovação da pesquisa por pares da área; a negociação constante com contra-argumentos e hipóteses que contradizem o objeto da pesquisa; o entendimento de que o conhecimento sempre é socialmente produzido, portanto, remetente de outros trabalhos e a função social que uma pesquisa carrega dentro do período histórico em que é realizada.

para que estes façam sentido na lógica do tempo histórico, possibilitando a percepção de alterações e rupturas que o agir causa na História. Ele também comenta que o conceito de <historicizar> de Rüsen, apesar de obscuro, pode ser interpretado como uma: “[...] subjetividade dos processos históricos que caracterizam o sujeito de referência de uma história, e não o sujeito agente de um determinado ato.” CALDAS, Pedro, Spinola Pereira. “Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa Histórica: Reflexões sobre uma experiência didática.” **Rev. De Teoria da História**, ano 01, nº03, Universidade Federal de Goiás jun. de 2010, ISSN: 2175-5892.

⁸ SILVA, Rogério Chaves da. “Método e sentido”: a pesquisa e a historiografia na teoria de Jörn Rüsen”. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, nº17, Florianópolis, 2009. P.44-45.

⁹ Ibid., P.44.

¹⁰ Ibid., P.45.

Nesse sentido, Certeau afirma que:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita.¹¹

Portanto, a proposta metodológica desta pesquisa tem como objetivo a análise dos textos já mencionados de Hobsbawm e Judt, autores de referência mundial e atores singulares na história da historiografia contemporânea. Junto a eles, outros autores como, Mark Mazower, Milton Friedman, Andréa Carolina Schwartz Peres, Zdravko Petak, Guy Bourd e e Herv e Martin serão tomados como referência para auxiliar na compreensão do objeto da pesquisa.

¹¹ CERTEAU, Michel de. op. cit., P.65.

1. O MULTICULTURALISMO COMO “INIMIGO” DA NAÇÃO

Certainly, I found Iugoslavia, as i have
every time i visited before, a fascinating country

(*Milton Friedman, Report on Yugoslávia and Italy, 1973*)

1.1 Um quebra-cabeças chamado Iugoslávia

Localizada na península balcânica¹² (região sudeste da Europa), a Iugoslávia surgiu como uma monarquia governada por Alexandre I, filho de Pedro I da Sérvia, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial.¹³ Era constituída pelos Estados da Sérvia, Montenegro (anteriormente pertencentes ao Império turco otomano, que esfacelou-se durante o primeiro quarto do século XX), Croácia, Eslovênia e Bósnia–Herzegovina (regiões pertencentes ao Império Austro–Húngaro, que também foi dissolvido após a Grande Guerra). Importante frisar que, apesar das comunidades eslavas se indentificarem muito antes da constituição da Monarquia como croatas, sérvios, montenegrinos, bósnios, etc. o pertencimento à um Estado–Nação é uma construção social consolidada durante o final do século XVIII e o século XIX. Antes de uma ideia de cidadão pertencente à uma nação, os recortes sociais de distinção entre as populações da região variava conforme os choques culturais: comunidades religiosas como os sérvios ortodoxos¹⁴, os judeus e os bosniács¹⁵ se identificavam como “Povos do Livro”, porém, quando confrontados com gregos, turco-otomanos ou mesmo os povos germânicos, o recorte social passava a ser o geográfico. Esta maneira de auto-reconhecimento, pouco relevantes num mundo de súditos, será a base constituída para as ideologias nacionalistas, difundidas durante o surgimento dos Estados – Nação no século XIX e retomadas no contexto

¹² O termo “Balcãs” deriva da palavra turca para montanha, fazendo menção à cordilheira dos Balcãs, que se estende do leste da Sérvia até o mar negro.

¹³ Vale o destaque que o estopim para o conflito originou-se justamente na região, com o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo.

¹⁴ Católicos e ortodoxos, apesar de compartilharem muitos dogmas e o fato de se verem como cristãos, tinham profundas diferenças entre si, o que causava a dissolução da comunidade cristã entre estas duas categorias, algo que não ocorria quando estas comunidades cruzavam com muçulmanos, judeus ou até mesmo pagãos.

¹⁵ Bosniács é o termo utilizado para caracterizar os bósnios muçulmanos.

da dissolução da Iugoslávia no final do século XX. Catroga, ao comentar sobre as diferenças entre os conceitos de “pátria”, “nação” e “nacionalismo” afirma que:

[...] será a partir da ideia e do sentimento de pátria que comunidades e grupos narram a história que os identifica (e os constrói) como famílias alargadas e como comunidades étnico – culturais. Compreende – se que, se estas implicam a compartilha¹⁶ de características comuns (os mesmos mitos de origem, a mesma língua, um mesmo território, a mesma memória coletiva), é indiscutível que a sua pedra de toque se situa na ancestralidade.¹⁷

É fundamental entender este processo de mutação de valores que separa o súdito do cidadão, pois é neste cruzamento que muitas teses fundamentam a justificativa para os conflitos ocorridos na região, atribuindo ao multiculturalismo dos Balcãs o status de grande vilão. Como Mazower aponta em *The Balkans: a short history*, muitos viajantes descreviam a região como bárbara, construindo, ao longo de séculos, a polarização entre a “Europa amante da liberdade” e o “Oriente despótico”.¹⁸

Este movimento orientalista¹⁹ (onde a cultura do Império Turco – otomano “bárbaro” passa a ser visto como principal inimigo da Europa “civilizada”), serviu como um dos pilares ideológicos para o surgimento do Estado – Nação Iugoslávo no pós primeira guerra mundial. Nesse movimento de resignificação do discurso histórico, a memória coletiva de sérvios, bósnios, croatas, eslovenos, macedônios, etc. buscou remontar-se ao período antigo e medieval dos lugares para constituir as suas narrativas históricas, apagando completamente os séculos de domínio turco na região. A repercussão desse manejo do passado atinge ainda hoje as populações dos Balcãs, palco de uma verdadeira tentativa de limpeza étnica no final do século XX, de forma que as políticas públicas dos países se pautam nas classificações étnico – raciais e religiosas como fator segregador entre os cidadãos.

É preciso desconstruir esta dicotomia entre a Europa “civilizada” e o Império turco-otomano “bárbaro” para que possamos buscar um melhor entendimento dos fatores que

¹⁶ A imprecisão ortográfica advém do texto original.

¹⁷ CATROGA, Fernando. Pátria e Nação. **A geografia dos Afectos pátrios: as reformas político – administrativas (séculos XIX e XX)**. Ed. Almedina, Coimbra, 2013. P.14

¹⁸ MAZOWER, Mark. Introduction: names. **The Balkans: a short History**. Modern Library Chronicles, Nova Iorque, 2000. P. 34.

¹⁹ Conceito tomado emprestado do livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, de Edward Said (1978).

culminarão na separação da Iugoslávia nos anos 1990. Isto porque as relações sociais entre os grupos étnicos se entrelaçam, gerando uma complexidade de comunidades, culturas, tradições e memórias da região. Isto fez (e ainda faz) parte do cotidiano daqueles que ali viveram desde os primeiros assentamentos durante a Antiguidade.

The linguistic, racial and religious diversity of the peoples inhabiting southeastern Europe dates back to the slav invasions, If not earlier. Politically, however, this counted for little until recently. Neither the Byzantine nor the Ottoman empires were ethnically based polities. For centuries, conversion and acculturation opened up elite careers to men of different backgrounds.²⁰

Ponto chave na dominação do Império turco na região, a assimilação pela ideia de súdito no Sultanato permitia o convívio de cristãos, muçulmanos, pagãos, estrangeiros e outras categorias entre si, visto que o *modus operandi* do Império não se pautava na demarcação territorial, linguística e étnica de um dado lugar, mas sim pela reverência ao Sultão. Já os Estados – Nação modernos buscavam na união linguística, delimitada por um território selecionado, a base para a criação de uma comunidade imaginada²¹ de cidadãos, ainda que na gênese da Iugoslávia como nação o modelo de governo fosse imperial.

Tendo vida curta, o Império iugoslavo durou de 1918 à 1941, momento em que as potências do chamado Eixo ocuparam a região, partilhando os territórios entre si. Pouco depois, em 1943, a reconquista da região pelos grupos resistentes²² à invasão permitiu o surgimento da Federação Democrática da Iugoslávia (1943), posteriormente transformada em República Federal Popular da Iugoslávia (1945), e por fim como República Socialista Federativa da Iugoslávia (1963), um Estado de viés político comunista que, inicialmente aliado à União Soviética, acabou por dela se distanciando por conta de divergências entre os líderes Josip Broz Tito e Josef Stalin. Era composto pelas Repúblicas da Sérvia, Montenegro,

²⁰ MAZOWER, Mark. *op. cit.*, P. 40.

²¹ ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

²² Havia os chamados *Partisans*, grupos armados de viés socialista e comunista liderados por Tito, e os *Chetniks*, grupos resistentes compostos de sérvios monarquistas que, com o crescimento do movimento partisan, logo passaram a se aliar às potências do Eixo, na tentativa de minar o avanço dos comunistas. Atualmente o termo *Chetnik* serve para identificar grupos de ideologia neonazista, ultranacionalista e anticomunista na região. Havia também os Ustasha, grupo paramilitar nazista croata que comandou o país durante a Segunda Guerra Mundial.

Bósnia – Herzegovina, Croácia, Macedônia e Eslovênia, além das províncias autônomas de Voivodjina e Kosovo.

Com o avanço dos conflitos entre os Estados Unidos da América e a União Soviética durante a Guerra Fria, a Iugoslávia passou a integrar o movimento dos países não alinhados, ao lado de Brasil, Egito, Índia, China e África do Sul. Devido ao rompimento com a URSS, boa parte do comércio iugoslavo era feito com a região oeste do globo, sendo um ponto de negócio estratégico para os americanos no Leste Europeu. O modelo comunista empregado na Iugoslavia era uma variação do modelo soviético de auto – gestão planificada, permitindo pequenos comércios e propriedades privadas cuja limitação se dava em torno do número de alqueres e funcionários empregados. A Iugoslávia deixou de existir oficialmente em 2003.

1.2 O modelo de gestão iugoslavo e a economia pós-guerra

Como dito anteriormente, a Segunda Guerra (assim como havia sido a Primeira Guerra) trouxe notáveis mudanças no panorama político – administrativo da região dos Balcãs, reconfigurando territórios e nações para o mundo cada vez mais polarizado no pós guerra. Tito surge como principal liderança da Iugoslávia, pois ele mesmo havia, em conjunto com outros combatentes, montado a resistência que havia expulso as forças do Eixo do território.

Quando o Exército Vermelho de Stalin chegou para combater na Iugoslávia, Tito já estava em vias de consolidar sua força e ascendências políticas ali, história diferente do que búlgaros, romenos, poloneses e outros povos do leste Europeu haviam vivido. Isto tem papel fundamental, pois a figura de Josip Tito era a marca do modelo socialista iugoslavo, que carregava em si características próprias. Tito era comumente visto como um ditador, sobretudo aos olhos dos países liberais do oeste do globo, porém, independentemente do fato ser ou não verossímil, o líder representava uma constelação de símbolos associados à batalha de libertação do país e sua liberdade enquanto nação soberana, assim como havia sido Lênin para a União Soviética.

O rompimento com Stalin e a União Soviética, durante o final dos anos 1950, significou para Tito e a Iugoslávia um momento crucial na economia política da federação. Seria preciso remodelar o sistema para que fosse viável negociar com países que não eram socialistas, tudo isso no contexto de pressão social da Guerra Fria. Desta forma, o modelo de autogestão planificada da Iugoslávia tornou-se único, baseado muito mais em pequenas propriedades privadas redistribuídas entre a população do que os grandes campos de trabalho soviéticos. Motta define que o modelo de autogestão:

[...] caracteriza – se pela autonomia dos empregados nas decisões empresariais, desde o processo de formulação de diretrizes internas e divisão do trabalho à distribuição da renda. Diferencia – se dos processos de participação e co – gestão já que, nos primeiros, a participação dos empregados resume – se ao fornecimento de insumos para decisão e recebimento de resultados do trabalho coletivo. Na co – gestão, a divisão interna do trabalho entre empregados e a gerência, bem como a escolha de diretrizes é anterior à definição dos critérios de participação e de responsabilidade compartilhada. As formas de autogestão empresarial são tão diversas quanto o número de países que a praticam.²³

Por conta de ser um modelo político baseado em Federações (de certa maneira autônomas entre si), o sistema econômico precisava também ser descentralizado, diferentemente do que havia ocorrido na União Soviética, proporcionando campo aberto para o sistema de autogestão que se consolidou no pós-guerra. Este sistema político-administrativo buscava enfatizar valores como o desenvolvimento da integração e cooperação entre as nações e a homogeneidade entre diferentes nacionalidades, assim como o Império turco – otomano havia controlado a região anos antes.

O sistema político era organizado sob a forma de delegações, que funcionavam como uma espécie de espaço público de cooperação e administração das questões comunitárias, provinciais, e nacionais. Esta singularidade organizativa também era vista nas empresas e bancos, tendo apenas as pequenas propriedades privadas como sistema diferenciado ao da autogestão. Porém a adesão ao modelo de autogestão descentralizado fora um processo tortuoso desde a expulsão da Iugoslávia do KOMINFORM²⁴ até a sua consolidação no anos de 1970.

Com a aprovação, em 1950, da Lei Básica sobre a Gestão das Empresas Econômicas Estatais, o processo de burocratização baseado no modelo soviético sofreu um profundo regresso, tendo extinto mais de 100.000 cargos do Estado e do Partido. Queiroz aponta que:

²³ MOTTA, Paulo Roberto. “Autogestão: a experiência iugoslava”. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, Edição nº14 (1) Jan./Mar. 1980. P. 1

²⁴ O KOMINFORM (Escritório de Informação dos Partidos Comunistas e Operários) era o órgão de política externa da União Soviética criado por Stalin com o intuito de trocar informações com os outros Partidos comunistas existentes.

Essa inclusão do trabalhador na administração das fábricas teve uma importância histórica inegável para o socialismo. Não era uma concessão da burocracia dominante. Surgia em meio a uma crise econômica grave, que afetava todos os setores do país e gerava insatisfação generalizada. Era um primeiro passo um rumo, antes sonhado pela utopia, em busca do desconhecido.²⁵

Dez anos após a aprovação da lei, o modelo de autogestão ganhava terreno em vias de se consolidar como modelo dominante na Iugoslávia, com a aprovação de uma nova redistribuição do redimentos líquidos entre as empresas e o Estado (ainda que os ganhos salariais fossem delimitados à produtividade das organizações econômicas. Além disso, o modelo de autogestão descentralizado iria se expandir para a gerência de setores não econômicos, como a saúde e educação públicas.²⁶

Os bons anos vividos na era de ouro logo sucumbiram à um aumento cada vez mais crescente do desemprego pós crise do petróleo em 1973 e, em conjunto com o processo de reestruturação produtiva do capital, vigente nos anos 1970 – 1990 ambos contribuíram para a busca por reformas estruturais. Houve ainda o agravante do falecimento de Tito, principal figura iugoslava, em 1980, o que levou a efeitos políticos diversos. Alguns estudos apontam para estes fatores como os motivadores para a desintegração da Iugoslávia no final do século XX, visto que regiões como o Kosovo e a Macedônia enfrentavam índices de desemprego que variavam de 25 a 50%, enquanto que países como a Eslovênia e a Croácia tinham índices de um dígito apenas.²⁷

Petak (2003) comenta que o modelo iugoslavo baseava – se na valorização do mercado interno, tendo a Importação/Exportação um papel coadjuvante. Era a resposta que o modelo tinha para o rompimento com o mercado socialista soviético. Com a crise econômica dos ano 1980, esse modelo sofreu importantes impactos, pois, assim como na União Soviética, crescia o desinteresse no processo de desenvolvimento e produção industrial. A alternativa para a estagnação então era a ampliação de bonificações e incentivos aos trabalhadores, sobretudo os dos setores administrativos das empresas. Para Petak, a causa principal da dissolução da

²⁵ QUEIROZ, Bertino Nóbrega de. **A autogestão iugoslava**. Dissertação do curso de Mestrado da Fundação Getúlio Vargas. Fortaleza, Dez. 1981. P.34

²⁶ Ibid., P.38

²⁷ PETAK, Zdravko. **The Political Economy Background of Yugoslav Dissolution**. Presented at the Conflict Resolution and Self-Governance in Africa (And Other Regions) Mini-Conference, May 3 rd and 5 th, 2003, Workshop in Political Theory and Policy Analysis, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA.

Iugoslávia reside na incompetência das instituições federais em lidar com o que ele chama de “*falência do socialismo*”:

The unemployment rate grew up to little less than 14 per cent, from the average rate between 6 and 9 per cent that in the 1960’s and at the begin of 1970’s. Unemployment now affect not only unskilled workers coming from non urban areas than the basic beneficiary of socialism – industrial workers and the children of publicly financed administration, mostly with university diplomas.²⁸

Este modelo de interpretação fornece uma alternativa para que possamos melhor entender como se deu a dissolução da Iugoslávia e os efeitos causados pela eliminação de um modelo de economia política vigente por quase 50 anos.

1.3 Reverberações do tempo passado em nosso presente

It don't matter what you said
 In the mind of someone, you are now dead
 What makes it bad is they're living next door
 So you'll need some weapons? That's what I'm here for!
 Seems you got us a war

Trecho da canção *Doesn't Matter Anyway*
 (Savatage – Dead Winter Dead, 1994)

A entrada maciça de refugiados de guerras como a da Síria no continente, conjuntamente com os impasses no tratamento destes pelos governos europeus tem alterado o cotidiano da Europa contemporânea. Ao mesmo tempo têm ocorrido o avanço de ideologias extremistas que pregam pela limpeza étnica, chegando a ponto de provocarem atentados, como os ocorridos em 22 de julho de 2011 na Noruega.²⁹ Estudar, portanto, os eventos que precedem o tempo em que vivemos torna-se imprescindível para que possamos melhor

²⁸ Ibid., P.06

²⁹ Nessa data, Anders Breivik deixou uma caminhonete com quase uma tonelada de explosivos em frente a um prédio que abrigava dependências oficiais, como o Primeiro-Ministro Norueguês, matando oito pessoas. Após este atentado, Breivik se dirigiu à ilha de Utoeya e atirou contra jovens que participavam de uma reunião do Partido Trabalhista, grupo então vigente no governo. Foram mortas 69 pessoas.

entender como chegamos até aqui. O cotidiano mescla a história vivida com a história pensada, trazendo implicações e reflexões ao nosso tempo.

Os acontecimentos vividos durante a desintegração da Iugoslávia, bem como as tomadas de decisões políticas e sociais presenciadas após o fim dos conflitos ainda hoje transformam a sociedade dos Balcãs, desde as políticas externas dos países e a redistribuição geográfica dos territórios, até suas políticas públicas, muitas vezes marcadas pelos embates étnico-raciais que determinaram as guerras ocorridas na região. Basta lembrar, como exemplo recente e gritante, o suicídio, em dia 29 de novembro de 2017, do ex- General do Exército croata em solo bósnio Slobodan Praljak logo após a proclamação de sua sentença por crimes de guerra cometidos durante a Guerra croata-bósnia (1992-1994), declarando: “Juízes, Slobodan Praljak não é um criminoso de guerra. Com desdém, eu rejeito o seu veredicto.”

Além de Slobodan Praljak, outras figuras importantes nos conflitos do final do século XX como Radovan Karadzic, ex presidente da República Srpska; Goran Hadzic, ex-presidente da República da Krajina Sérvia e Slobodan Milosevic, ex-presidente da Iugoslávia e da Sérvia, foram sentenciados pelo Tribunal Penal Internacional por crimes contra a humanidade, Genocídio, crimes de guerra, entre outros.

A antropóloga Andréa Carolina Schvartz Peres (importante referência bibliográfica sobre a região em língua portuguesa) aponta em seus estudos como os efeitos da guerra da Iugoslávia ainda hoje repercutem no cotidiano dos cidadãos. Questões como a alteração da lei que diz respeito ao Número Exclusivo de Identificação (*Jedinstveni matični broj, JMB*)³⁰, temas a serem estudados nas escolas (sobretudo ligados à língua, história e geografia da região), segregação étnico – racial e conflitos regionais ligados à propriedade privada, são resultados diretos da dissolução da Iugoslávia e, como a autora comenta, estes eventos:

[...] sinalizam uma crise sobre a divisão do estado em entidades e da sociedade em grupos nacionais. Todas as demandas, impasses, desconfortos, indignações etc. são demonstrativos dessas divisões e da forma como a Bósnia-Herzegovina foi organizada pelo Acordo de Dayton.³¹

³⁰ Espécie de Registro Geral (RG) como temos no Brasil. Seu propósito é identificar o cidadão em sua singularidade, para fins administrativos, sociais e judiciais.

³¹ PERES, Andréa Carolina Schvartz. **Contestação e inquietude:** entre o universalismo do cidadão bósnio e o particularismo dos grupos nacionais na Bósnia-Herzegovina. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. P. 04

Peres cita um caso interessante referente aos problemas ligados à educação na região, onde, em outubro de 2013, um grupo de pais manifestantes de duas pequenas vilas da Republika Srpska (Konjević Polje e Vrbanjci) deixaram de enviar suas crianças à escola e foram acampar em frente ao prédio do OHR (*Office of the High Representative*)³². Suas reivindicações buscavam um ensino diferenciado para as crianças bósnias que vivem na região, criticando o ensino da língua, história e geografia sérvia, além do fato de poucos professores serem bosníacos. Após o desfecho negativo, os pais decidiram retornar às suas casas. Conjuntamente, a autora menciona ter ouvido em Sarajevo comentários críticos relativos à existência de

duas escolas sob um mesmo teto’ em algumas cidades da Federação –onde de manhã, por exemplo, crianças croatas vão estudar, e de tarde, crianças bosníacas–, que representam exemplo de segregação, alimento à perpetuação da divisão e obstáculo à reconciliação.³³

Este caso apresentado pela autora é um exemplo importante das disputas ainda hoje latentes sobre a memória e a história do processo de dissolução da Iugoslávia, além das implicações diretas que os processos de independência das regiões impuseram na vida de populações cujo convívio multicultural é secular.

Outro ponto importante que Peres apresenta é o conceito de “*Balkanismo*” (termo correlato ao “*Orientalismo*” de Said, já citado acima). Podemos definir este conceito como a construção narrativa e histórica que viajantes e outros *outsiders* cunharam ao longo do séculos XVIII – XX, assimiladas também por aqueles que habitam a região. É através desse movimento de construção imaginativa sobre os Balcãs (e também sobre o Leste Europeu como um todo) que ideias como a violência estrutural da sociedade, a barbárie endêmica, a ignorância, etc. serão atreladas às sociedades que ali vivem. É a partir desta lente que irão surgir explicações para o fim da Iugoslávia como, por exemplo, a ideia de que a região sempre fora um caldeirão quente esperando para explodir; que os povos que ali habitam nunca conviveram pacificamente e de forma “civilizada”, dentre outras.

³² “O cargo de Alto Representante das Nações Unidas (OHR, ou *Office of the High Representative*) existe desde 1995. Este supervisiona o cumprimento do Acordo de Dayton, controla para que haja algum consenso entre as partes e possui altos poderes, os chamados *Bonn Powers* (desde a reformulação do acordo em 1997), que lhe permite impor leis, vetar decisões do governo central ou das entidades e depor um governante/representante democraticamente eleito.” *Ibid.*, p.07.

³³ *Ibid.*, p.08

O grande marco para a distinção entre civilização e barbárie será o Império Otomano e seu período de domínio sobre a região. Segundo Bjelić *apud* Peres:

O ‘*Balkanismo*’ enquanto ‘Regime de conhecimento’, [...] discurso sobre o outro, modo de organizar o pensamento e classificar os povos, será utilizado também pelas próprias repúblicas ex-iugoslavas como base de distinção, onde estes e outros países dos Balcãs vão construir sua identidade em oposição ao outro oriental – os turcos otomanos – sob o parâmetro da civilização. ‘Ocidente’ e ‘civilização’ apresentam – se então em sinonímia e a distinção entre quem é mais ou menos ocidental/civilizado se verificará também internamente, e em vários níveis.³⁴

Isso demonstra a complexidade da relação entre a história vivida e a história pensada, gerando constantes flutuações e resignificações de eventos, personagens, patrimônios, lugares, etc. nas narrativas presentes no cotidiano dos cidadãos, de forma à atingi-los direta ou indiretamente o tempo todo, sobretudo quando o tema é a dissolução da Iugoslávia. Pode-se dizer, assim, que a História, ali, é uma *política do presente*, à medida que as disputas por espaços públicos são também disputas pela memória e história da guerra (relacionando-se diretamente com os movimentos nacionalistas), que pode ser caracterizada conceitualmente como um “trauma”³⁵ da sociedade iugoslava: quem são os heróis nacionais? Quem são os vilões? As minorias devem ter ou não espaço político? Segregar ou unificar as populações? Estas são questões cruciais que ainda se encontram sem resposta.

A escrita da História, por sua vez, não deixa de ser uma história do tempo presente. Por um lado, porque, como afirma Fico (2012), “uma das principais peculiaridades da História do Tempo Presente é a pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar”;³⁶ por outro, porque tais questões vivas também

³⁴ Id., 2010. p.45

³⁵ Carlos Fico, ao dissertar sobre a História do Tempo Presente e exemplificar o caso brasileiro da Ditadura Militar, comenta que o papel do historiador perante eventos traumáticos tem como desafio compreender o passado de forma complexa e refinada, sem, no entanto, “humanizar o algoz” e justificar atos e acontecimentos. Para ele, “Não se trata de abrir mão das explicações plurais, mas de se perceber que os eventos traumáticos possuem esse caráter ‘interminável’ justamente em função de sua constante reelaboração através das memórias.” FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012. p.48-50.

³⁶ Ibid., P.44.

incidem, evidentemente, sobre o trabalho do historiador, como veremos nos casos de Hobsbawm e Judt, a seguir.

2. A ESCRITA DA HISTÓRIA DE HOBBSAWM, A ERA DOS EXTREMOS E A IUGOSLÁVIA

Hobsbawm doesn't just know more than other historians. He writes better, too: there is none of the fussy "theorizing" or grandiloquent rhetorical narcissism of some of his younger British colleagues (none of the busy teams of graduate researchers, either—he does his own reading).

(*Tony Judt, The Last Romantic, 2003*)

2.1 Quando a vida e a história se entrelaçam

Nascido na cidade de Alexandria, Egito, em nove de junho de 1917, Eric Hobsbawm teve uma história de vida particularmente fascinante, do tipo que poucas pessoas viveram ou poderiam viver. Assim como aqueles que nasceram no final do século XIX e início do século XX, Hobsbawm veio ao mundo em meio a uma catástrofe violenta: a Primeira Guerra Mundial; viveu sua infância e adolescência nos conturbados anos entre guerras, experimentando a amarga sensação de viver em meio à uma crise como fora a de 1929 e vendo a ascensão de um discurso de ódio que posteriormente iria se estruturar no seio da sociedade contemporânea, causando a segunda catástrofe mundial em menos de 50 anos. Sua peculiaridade está na tentativa de entender, de forma crítica, o seu tempo.

Já na fase adulta, teve seus primeiros contatos com a história e a política de forma ativa, militando nos movimentos de esquerda em busca do tão sonhado futuro próspero e igual para todos. Da mesma forma, vivenciou as tensões, quase que semanais, do mais que esperado conflito entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, conhecido como Guerra Fria. Ao mesmo tempo, observou os movimentos anticolonialistas no terceiro mundo e a dissolução do Império que havia nascido e sido criado. Tomou conhecimento das crises humanitárias e das catástrofes (naturais ou humanas) que assolaram o século XX, além de ter visto o fim de nações e federações, o surgimento de países "novos"; a emancipação de povos rumo à liberdade e o enunciar de um "novo mundo" e uma "nova história".

Se o historiador tem condições de entender alguma coisa deste século é em grande parte porque viu e ouviu. Espero ter transmitido aos leitores algo do que aprendi por tê-lo feito.³⁷

Não bastasse este turbilhão de eventos, Hobsbawm também teve contato com as grandes transformações ocorridas no campo da História no decorrer do século XX. Conheceu e conviveu com os marxistas estruturalistas; com os autores advindo da Escola dos Annales e as suas revoluções culturais; com os historiadores da micro-história e os proponentes da “nova história”, além de ter lido e ouvido que o fim do mundo comunista implicava no “fim da História”.³⁸

Escritor, roteirista e ator do seu próprio tempo, Eric Hobsbawm é a figura que carrega em si o espírito da história: indagador, humanista, curioso, persistente e imortal. Sua dedicação à história é também a dedicação à um modo de se pensar e ver o mundo, influenciado pelo tempo em que viveu. Buscou na pesquisa e escrita histórica a chave para entender o mundo e, mais do que isso, mudá-lo. Ele veio a falecer no dia primeiro de outubro de 2012, aos 95 anos de idade.

Fazer um balanço biográfico sobre Hobsbawm que fizesse jus à sua trajetória seria impossível como um trabalho de conclusão de curso, portanto, a pretensão deste capítulo se restringe a buscar entender como que o caminho percorrido pelo escritor moldou a forma com que este entende e escreve sobre história.

2.2 A era de Hobsbawm

Meu tempo de vida coincide com a maior parte da época de que se trata esse livro e durante a maior parte de meu tempo de vida – do início da adolescência até hoje – tenho tido consciência dos assuntos públicos, ou seja, acumulei opiniões e preconceitos sobre a época, mais como contemporâneo que como estudioso. Este é um dos motivos pelos quais, enquanto historiador, evitei trabalhar sobre a era posterior a 1914 durante quase toda minha carreira, embora não me abstinhasse de escrever sobre ela em outras condições.³⁹

³⁷ HOBBSAWM, Eric J. Prefácio e Agradecimentos. **A Era dos Extremos: o breve século XX: (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. P.08

³⁸ Afirmação eternizada por Francis Fukuyama no trabalho *O fim da História e o último homem*, de 1992.

³⁹ *Ibid.*, P.07

Publicado em 1994, o livro *A Era dos Extremos: o breve século XX* de Hobsbawm, assim como os outros trabalhos da coleção *As eras*, foi e ainda é um sucesso de vendas. Uma referência consagrada para aqueles que buscam uma introdução à história contemporânea, o livro representa a maturidade da escrita de seu autor, num período em que mudanças radicais por todo mundo remodelavam a sociedade em que ele vivia. Com a humildade, sensibilidade e rigor característicos, Hobsbawm opta por escrever um livro de história sobre o século em que viveu, algo que, como a citação acima afirma, ele sempre evitou fazer.

Ele inicia seu texto relativizando a sua vivência do tempo sobre o qual ele escreve, demonstrando que a experiência e a memória de nada vale sem o rigor metodológico próprio da História, para que o texto não se torne apenas um *Chalé da Memória*. Tanto no prefácio quanto na introdução do livro, Hobsbawm tem o cuidado de preparar o terreno para o leitor, descrevendo toda operação historiográfica que realizou para escrever os capítulos, apontando a importância de determinados autores e instituições durante o processo de escrita. Vale lembrar que, no período em que este trabalho foi publicado, Hobsbawm já era uma referência sólida para historiadores de todo mundo e também para aqueles que não faziam parte da comunidade acadêmica, sendo sempre uma baliza para a história contemporânea. Isso tem um peso fundamental na sua produção historiográfica nos tempos da publicação de *A Era dos Extremos*, visto que Hobsbawm já ocupava um lugar privilegiado, alcançado apenas por alguns, no cenário da historiografia mundial, o que conferia à sua obra um valor intrínseco à sua argumentação. Certeau nos alerta sobre a importância de, ao analisarmos um discurso historiográfico, termos consciência de fatores alheios à escrita em si:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. [Pg. 066] É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.⁴⁰

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. op. cit. P.56

O tempo da escrita também tem influência fundamental na produção historiográfica. No momento de escrita da obra aqui selecionada, Hobsbawm já havia vivido 77 anos de sua vida, passado pela Segunda Guerra Mundial; visto a dissolução do bloco comunista; se tornado referência em sua área; deixado o partido comunista (sem, no entanto, ter deixado de se dizer comunista/marxista); portanto, uma série de valores, crenças, experiências, amizades, paisagens, acertos e erros, etc. haviam moldado o autor para que este optasse por escrever este trabalho naquele período:

Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. E Falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis -, como observadores de nossa época e , igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. Somos parte deste século. Ele é parte de nós. Que não o esqueçam os leitores que pertencem a outra era, por exemplo os estudantes que estão ingressando na universidade no momento em que escrevo e para quem até a Guerra do Vietnam é pré-história.⁴¹

Devido ao recorte deste trabalho, irei me ater apenas ao *Era dos Extremos*. Cabe notar, porém, que Hobsbawm também publicou outros trabalhos posteriores em que ele, após absorver as críticas apresentadas à esta obra, buscou esclarecer dúvidas e contra-argumentar questões que lhe foram postas, como no trabalho *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*⁴²

O tempo é portanto, uma característica específica da escrita da história, seja quando estamos exercendo a nossa função como pesquisadores e observando eventos, pessoas e memórias passada, seja quando estamos fazendo nossa colcha de retalhos de temas, documentos, recortes temporais e de lugares, escrevendo nosso trabalho ou apresentando – o. Torna-se então uma via de mão dupla: de um lado temos o tempo em que vivemos, que nos aflora questões e nos incita a buscar compreender determinados assuntos em detrimento de outros (o tempo da vivência/experiência); do outro, temos o tempo sobre o qual escrevemos, que já se findou e não temos como recuperar em sua totalidade, permitindo apenas que

⁴¹ HOBSBAWM, Eric J. op. cit., P.13

⁴² HOBSBAWM, Eric J. **Tempos Interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2002.

lidemos com seus fragmentos, no sentido de tentar reconstituir um lugar verossímil ao passado, ainda que escolas históricas passadas tenham acreditado na possibilidade de reconstituirmos o passado integralmente, em busca da verdade absoluta.

Assim, como o tempo, o lugar também tem fator fundamental na escrita da história, ainda que seja um tema posto como secundário em relação ao anterior, sendo, muitas vezes, deixado à cargo de geógrafos para lidarem. Porém, a impossibilidade de estudarmos o tempo por si só na História confere ao lugar uma importância de mesma estatura. O lugar também passa a ser uma via de mão dupla, com uma intersecção em seu caminho: de um lado temos o lugar de onde falamos, como Certeau nos alerta, o país em que vivemos, a cidade, a sociedade, nossa função dentro dela, nosso olhar e crenças sobre o mundo, etc. Do outro, temos o lugar do tempo em que escrevemos; história contemporânea, medieval, religiosa, política, a Sicília no Império Romano, a vila de São Paulo de Piratininga na época da colonização, dentre outros exemplos. Por fim, a intersecção que liga ambas as vias se encontra na própria escrita em si, na produção da obra e sua assimilação pela sociedade (seja ela a corporação de historiadores, seja ela a sociedade de leigos).

O cuidado na análise da operação historiográfica passa necessariamente pela observação destas características nela intrínsecas. O tempo, o lugar, a subjetividade e o recorte são pilares fundamentais sem quais não poderíamos nos remeter ao passado, visto que a História como objeto de estudo não é uma ciência passiva ou estéril, pelo contrário, uma disciplina ativa, constantemente em transformação que, assim como uma avalanche, engole a tudo e todos de forma devastadora. Importante frisar que a História, apesar de apresentar estas características, ainda sim é uma ciência feita por indivíduos, não uma entidade metafísica que comanda sobre as suas próprias regras o jogo. Ela esta sujeita às mudanças, revoluções, recordações e esquecimentos, visto que ela não é um dado da natureza. Portanto, quando observamos a obra de Hobsbawm como um objeto de pesquisa, é preciso levar em consideração todos estes fatores, para que não sejamos nem anacrônicos, nem críticos vorazes dela. Hervé Martin, citando Henri Marrou, comenta:

Longe de ser simples reprodução do passado, o conhecimento histórico é reelaboração deste, pois passa inevitavelmente pela conceitualização. Conhecer

históricamente é de fato substituir um dado bruto por um sistema de conceitos elaborados pelo espírito.⁴³

Hobsbawm também comenta sobre as especificidades que a escrita da História (mais especificamente a história do tempo presente) impõem àqueles que, como ele e Judt, falam do momento em que viveram:

A principal tarefa do historiador não é julgar, mas compreender, mesmo o que temos mais dificuldade para compreender. O que dificulta a compreensão, no entanto, não são apenas nossas convicções apaixonadas, mas também a experiência histórica que as formou. As primeiras são fáceis de superar, pois não há verdade no conhecido mas enganoso dito francês *tout comprendre c'est tout pardonner* (tudo compreender é tudo perdoar). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender.⁴⁴

Característica singular de sua figura e escrita, o posicionamento político de Hobsbawm se faz presente em todas as suas obras, sendo uma marca forte que o acompanha durante toda sua vida, também pelo fato de ter experienciado intesamente grandes eventos e momentos da história contemporânea. De forma sutil ele apresenta essa característica na conclusão do trabalho:

O que escrevi não pode dizer-nos se e como a humanidade pode resolver os problemas que enfrenta no fim do milênio. Talvez possa ajudar-nos a compreender quais são esses problemas, e quais devem ser as condições para sua solução, mas não até onde essas condições estão presentes, ou em processo de criação. [...] Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto e – se os leitores partilham da tese deste livro – e por quê. Contudo, uma coisa é clara. Se humanidade que ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão.⁴⁵

⁴³ BOURDÉ, Guy; MARTIN Hervé e BALMAND, Pascal. **As Escolas Históricas**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2018. P. 318

⁴⁴ HOBSBAWM, Eric J. op. cit., P.15

⁴⁵ Ibid., P.561 e 562.

O mais interessante desta citação, é que ela apresenta o que parece ser uma contradição ou uma inquietação que Hobsbawm carregou consigo nos anos pós declínio do bloco soviético e que Tony Judt aponta: ao mesmo tempo que ele apresenta a importância de se criar um futuro novo, diferente do passado (sem que este seja negligenciado), o autor nunca deixou de se declarar um marxista do século XX. O marxismo para Hobsbawm é condição necessária de sua existência e, apesar do historiador não trabalhar com incertezas ou “*e se...*”, não fossem as experiências políticas vividas por ele, o autor não seria quem foi.

2.3 O “Desmoronamento”

Com 19 capítulos, separado por três partes, *A Era dos Extremos* é um livro que se propõe a trabalhar sob a concepção de uma macro história, de forma mais estruturalista sem, no entanto, deixar de lado a singularidade dos acontecimentos. Hobsbawm tinha singular talento em conseguir conciliar um conjunto abrangente de informações e contextos, conectando-os à uma linha de pensamento que flui de forma natural durante a leitura do texto. Com isso, Hobsbawm nos apresenta um trabalho que, ao mesmo tempo que é complexo e conceitual, é também explicativo e narrativo, marca pessoal da escrita do autor.

Para trabalhar com a história do século XX, Hobsbawm opta por recortá-lo em três partes:

<p style="text-align: center;"><i>A Era da Catástrofe</i></p>	<p>Vai de 1914 a 1945. Remonta brevemente ao final do século XIX para introduzir o século XX. Comenta sobre os efeitos diretos da ascensão das ideologias supremacistas, da crise de 1929 e das duas guerras mundiais na dinâmica de poder e na economia do globo, marcando o fim do modelo de gestão imperialista do século XIX como <i>modus operandi</i> da sociedade. Perpassa também pela revolução artística e intelectual que ocorrera neste período.</p>
---	--

<p style="text-align: center;"><i>A Era de Ouro</i></p>	<p>Vai de 1945 até cerca de 1973. O foco desta parte se concentra nos eventos da Guerra Fria e na disputa pelas redes de influência entre URSS e EUA. As revoluções sociais e culturais também são temas com especial atenção, além de um capítulo dedicado ao chamado Terceiro Mundo e um dedicado ao debate sobre as esquerdas pelo mundo e o “Socialismo real”. Hobsbawm aponta que este período de prosperidade econômica, apesar da Guerra fria, fora um momento de exceção em um século marcado por conflitos e reverberações de tempos passados.</p>
<p style="text-align: center;"><i>O Desmoronamento</i></p>	<p>Trecho final do livro, vai de 1973 à metade dos anos 1990. Hobsbawm comenta sobre os eventos que levaram às economias, liberais e comunistas à uma crise sem precedentes, tendo o desfacelamento do bloco soviético e da URSS como principal tema. Passa pela história do tempo presente do Terceiro Mundo; pelos movimentos artísticos pós 1950 e pelo desenvolvimento das ciências naturais e a corrida tecnológica. O autor termina o livro fazendo uma breve menção à virada do milênio.</p>

Como já dito na introdução desta monografia, trabalharei apenas com a parte final do livro, no sentido de entender a argumentação de Hobsbawm sobre a dissolução da Iugoslávia para, posteriormente, confrontá-la com a argumentação de Tony Judt. Sob tal enquadramento, Hobsbawm delimita a importância da crise mundial de 1973 como fator recondicionador das dinâmicas entre as economias do mundo. Ele aponta a diferença do impacto desta crise nas economias liberais e comunistas, além das economias do Terceiro Mundo, onde “Ninguém

duvidou seriamente de que , para essas partes do mundo, a década de 1980 foi de severa depressão.”⁴⁶ O autor comenta mais a frente que, para as regiões do chamado “socialismo real”, se a década de 1980 foi de modesto crescimento, 1989 marca o desmoronamento completo destas economias.⁴⁷

Outro ponto argumentativo apresentado por Hobsbawm está no fato de que os modelos de proteção social adquiridos na *era de ouro* trouxeram às economias mais abastadas certo sentimento de falsa segurança perante o fantasma da crise, que assolou todo o século XX. Apesar disso, o surgimento de fato dos efeitos da crise podiam ser vistos em países cuja presença de moradores de rua, cortiços e miseráveis havia se tornado algo estranho aos olhos da população em geral. Hobsbawm também apresenta as décadas de crise como o momento em que o Estado como órgão ordenador da economia e da sociedade sofreu severa perda de poder e credibilidade (argumento importante que retomarei mais à frente)⁴⁸:

[...] o fato fundamental das décadas de crise não é que o capitalismo não mais funcionava tão bem quanto na Era de Ouro, mas que suas operações se haviam tornado incontroláveis. Ninguém sabia o que fazer em relação aos caprichos da economia mundial, nem possuía instrumentos para administrá-la. O grande instrumento para fazer isso na Era de Ouro, a política de governo, coordenada nacional ou internacionalmente, não funcionava mais. As décadas de crise foram a era em que os Estados nacionais perderam seus poderes econômicos.⁴⁹

Surge ai então um debate ideológico de três vias: de um lado os keynesianos, que apostavam que o controle econômico por parte do Estado e a manutenção dos benefícios sociais era a chave para o combate da crise. Do outro lado temos os ultra liberais, fortalecidos na década de 1980 pela ascensão de figuras como Ronald Reagan nos EUA e Margareth Thatcher na Inglaterra que buscavam a plena libertação do controle econômico das mãos do Estado, deixando – o apenas como provedor de aspectos básicos da sociedade como saúde, educação e segurança. A terceira via se encontra no modelo comunista de gestão, que se via em processo acelerado de reformas, na tentativa de se manter competitivo ao mundo

⁴⁶ Ibid., P.395.

⁴⁷ Ibid., P.395.

⁴⁸ Aqui vale mencionar um debate importante recorrente na História Contemporânea: Será que, com a expansão das grandes corporações multinacionais e transnacionais, o Estado como órgão regulador passou a ser apenas uma espécie de “testa-de-ferro” administrativo da sociedade, subjulgado às vontades destas empresas ou será que o Estado ainda exerce forte influência sob a dinâmica econômica mundial?

⁴⁹ Ibid., P.398.

capitalista e conter o avanço ideológico da acumulação primitiva de bens materiais no próprio território.

O autor aponta que, apesar desta guerra ocorrer no campo narrativo, as aplicações concretas destes modelos ideológicos quase sempre fugiam àquilo que seus idealizadores pregavam. Como ilustração, ele cita o caso neoliberal americano, que:

[...] embora oficialmente dedicado ao conservadorismo fiscal (isto é, orçamentos equilibrados) e ao ‘monetarismo’ de Milton Friedman, na verdade usou métodos keynesianos para sair da depressão de 1979-1982, entrando num déficit gigantesco e empenhando-se de modo igualmente gigantesco a aumentar seus armamentos.⁵⁰

O processo de reestruturação produtiva do capital nas décadas de 1960-1990 teve papel fundamental na transformação do panorama econômico mundial pós Segunda Guerra Mundial, atingindo em tempos diferentes e de formas diferentes as regiões do globo. Hobsbawm aponta que o desemprego das décadas de 1970 – 1980 “não foi apenas cíclico, mas estrutural.”⁵¹ Para ele, esse efeito não seria produto apenas do deslocamento dos parques industriais de regiões cujos custos fiscais e de mão – de – obra haviam se elevado, mas também por conta da mecanização cada vez maior do processo industrial, que fazia com que levas de trabalhadores fossem substituídos por máquinas que automatizavam o chão de fábrica:

O desempenho e a produtividade da maquinaria podiam ser elevados constantemente, e para fins práticos interminavelmente, pelo progresso tecnológico, e seu custo, dramaticamente reduzido. O mesmo não se dava com o desempenho dos seres humanos, como demonstra uma comparação das melhoras na velocidade do transporte aéreo com o recorde dos cem metros.⁵²

As décadas de 1970/1980 também viram o desmembramento seccional da política e cultura internacionais, marcadas pelas economias transnacionais. O surgimento de movimentos com reivindicações específicas e não necessariamente ligadas ao trabalho contribuiu para a guinada política do período, com o enfraquecimento de partidos trabalhistas

⁵⁰ Ibid., P.402.

⁵¹ Ibid., P.403.

⁵² Ibid., P.405.

mais tradicionais e o aparecimento de setores da sociedade que afundavam na “subclasse”. Essa guinada política, segundo o autor, ainda que não chegasse a ocupar propriamente o *establishment* consagrado, acabaram por estabelecer uma presença notória na política dos países.⁵³ Um ponto fundamental que Hobsbawm apresenta é que a maioria desses novos espectros políticos “[...] rejeitava o universalismo da política democrática e cidadã em favor da política de alguma identidade grupal, e conseqüentemente partilhava de uma visceral hostilidade a estrangeiros e gente de fora, e ao Estado abrangente da tradição revolucionária americana e francesa.”⁵⁴ Sobre o argumento específico do surgimento do que o autor chama de “política de identidade”, é preciso que tenhamos especial atenção, pois o reflexo direto dessa guinada política atingiu a dissolução da Iugoslávia com particular força, movendo, durante o período das guerras na região, o crescimento de grupos e milícias baseadas na etnia e na religião, que realizaram uma verdadeira “limpeza” dos territórios da antiga federação. Campos de concentração de bosniaks, bombardeios em locais públicos, chacinas contra determinados grupos, etc. foram a paisagem dos conflitos no final do século XX.

No mundo socialista, as sequelas da crise também afetaram profundamente as sociedades. A “regressão real” das políticas soviéticas; as tentativas de reformas tardias por parte da URSS, além das insurreições contra o governo russo, no final da década de 1980 foram a ordem do dia para aqueles que viviam sob o teto comunista. Novamente, a economia, agora cada vez mais transnacional e o processo de reestruturação produtiva do capital expuseram as feridas que o Estado soviético buscava acobertar:

A entrada maciça da URSS no mercado internacional de grãos e o impacto das crises de petróleo na década de 1970 dramatizaram o fim do “campo socialista” como uma economia regional praticamente autossuficiente, protegida dos caprichos da economia mundial.⁵⁵

Ao final do capítulo, Hobsbawm traz à tona que o enfraquecimento do Estado-nação perante as novas economias transnacionais trouxe consigo também o efeito adverso de recorte destes Estados a partir da demanda de setores da sociedade, geralmente ligados pela etnia, língua e/ou religião. O autor demonstra que “[...] na verdade, o novo nacionalismo separatista das Décadas de Crise era um fenômeno bastante diferente da criação do Estado-nação do

⁵³ Ibid., P.406.

⁵⁴ Ibid., P.407.

⁵⁵ Ibid., P.408.

século XIX e princípios do XX. Era de fato uma combinação de três fenômenos.”⁵⁶ Estes três fenômenos citados seriam a resistência dos Estados-nações existente à sua demolição, o egoísmo coletivo da riqueza, ou egoísmo coletivo, e a resposta à “revolução cultural” e o surgimento das políticas de identidade na segunda metade do século – chaves para que possamos entender o que ocorreu no final do século XX e porque os nacionalismos desta era diferenciavam dos nacionalismos do final do século XIX.

Devido ao caráter estrutural⁵⁷ e de tendência macro na escrita da História, Hobsbawm sempre conecta um tema central a seus diversos acontecimentos e causas/efeitos. Com isso, torna-se parte do recorte deste trabalho selecionar, dentro do texto do autor, os argumentos que competem ao tema desta monografia. Aqui vale retormarmos as ideias apresentadas na introdução sobre a operação historiográfica, visto que este trabalho lida com duas instâncias desta operação: a análise da produção dos autores escolhidos e seu *modus operandi*, além de uma reflexão sobre a própria escrita da história.

Hobsbawm, pela vasta experiência na história vivida e na história pensada, trabalha de forma bastante concisa a sua produção, aliando todos os processos constituintes da operação historiográfica de forma fluida e narrativa. Porém, ainda sim é possível analisarmos sua escrita baseada no recorte provido por Rüsen. Na introdução, o autor comenta sobre a metodologia de produção do livro: o momento da *Heurística* é alinhado com o momento da *Analítica*, visto que ele escreve sobre um tempo que viveu, tendo então a experiência não como principal pilar da sua escrita, mas sim como norteador da escolha das fontes e dos eventos abordados, construindo assim a espinha dorsal do trabalho. Hobsbawm alia com particular singularidade os momentos da *Crítica*, *Interpretação* e *Hermenêutica*, em razão do fato de que as fontes escolhidas por ele e suas apreensões se mesclam com as análises dos próprios autores escolhidos, conjuntamente com as suas memórias e experiências vividas. Todas essa operação dá a Hobsbawm e sua escrita o tom enciclopédico, no sentido de conter

⁵⁶ Ibid., P.414.

⁵⁷ O Autor Jurandir Malerba, ao dissertar sobre a metodologia estruturalista, no artigo “Estrutura, Estruturalismo e História Estrutural” (2008) comenta: “O modelo estrutural persegue a lógica interna do sistema, ‘a qual permanece oculta na simples observação empírica, seja qual for, por um lado, a imagem empregada para expressar esta lógica oculta [...] A questão que não quer calar é que a história é composta não só pela observação das estruturas estabelecidas, mas também pelas lutas, combates, insurgências dos homens contra a opressão de determinadas estruturas sociais. Dessa perspectiva, como então colocar na equação a questão da experiência?” (P.41). Para ele, a grande contribuição histórica dos escritores ingleses, como E. P. Thompson e Eric Hobsbawm foi justamente alinhar o modelo estrutural com as lutas políticas e sociais que desafiaram a Estrutura ao longo do tempo.

uma variedade grande de autores, argumentos, dados, lembranças análises e contrapontos. Por fim, o momento da *Dialética* em seu texto ocorre tanto ao longo de cada capítulo, quanto no livro como um todo, onde o autor tem o cuidado na escolha do título dos capítulos e do trabalho para que este seja uma espécie de instigador de seu argumento central. Assim como Hobsbawm, a escrita deste trabalho também é uma operação historiográfica que perpassa por todas estas etapas. Vale destacar que, como demonstra Certeau ao falar sobre a importância de estudarmos o discurso historiográfico também em sua esfera corporativa, revelando o *não dito*:

É, pois, impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente; ou sonhar com uma renovação da disciplina, assegurada pela única e exclusiva modificação de seus conceitos, sem que intervenha uma transformação das situações assentadas.⁵⁸

A posição social e corporativa (utilizo aqui o termo para relacionar a profissão à um rol de trabalhadores que compartilham ideias, trabalhos, ferramentas, etc.) em que se encontrava Hobsbawm no momento da produção do livro é um fator fundamental para que a escrita de *A Era dos Extremos* seja tal qual ela se consagrou. O autor esclarece isso no momento em que presta suas homenagens à escritores e instituições que tornaram possível o trabalho feito. Novamente aí se encontra um dado da maturidade e sobriedade que Hobsbawm tinha com relação à escrita da História.

Assim, o momento de produção desta monografia, bem como as condições dadas pelo tempo/espço em que ela é escrita afetam diretamente o modo como a operação historiográfica funciona. As limitações são parte do processo por conta do tipo de trabalho produzido; suas intenções, sejam elas subjetivas (a escolha do tema e a abordagem metodológica), objetivas (tempo de produção, sua função dentro da estrutural universitária e social) e corporativas (a posição do autor que a escreve em relação à seus pares e a forma como elas são absorvidas por este escopo); a história vivida do sujeito até o momento em que ele produz, dentre outros, são pequenos blocos que constituem o caminho entre a pesquisa historiográfica e o produto final.

⁵⁸ Ibid., P.62.

Para o autor, diversos fatores causaram a implosão dos sistemas socialistas, ponto fundamental que já o destaca das argumentações, até então recorrentes, de que o capitalismo triunfara perante o socialismo, declarando a vitória da democracia diante da opressão: “[...] a política, tanto a alta, quanto a baixa, é que iria provocar o colapso euro-soviético de 1989-91.”⁵⁹ Ele também aponta a perda de legitimidade dos sistemas após a Primavera de Praga, além da já discutida crise econômica que a década de 1970-1980 trouxera para estas sociedades, aliada ao surgimento das políticas de identidade.

A perda de credibilidade no sistema, construída sobre as ruínas de economias estagnadas e/ou instáveis e sobre a repressão pela via da violência de Estado, tornou-se um fator constituinte das políticas socialistas no final da década de 1970 e durante a década de 1980. Hobsbawm comenta que a grande surpresa se encontra no fato de que, no momento em que as populações abandonaram a passividade e foram às ruas manifestar seu descontentamento, a reação das massas foi a ação direta.⁶⁰ O desmonte da URSS nesse período constitui um ponto central para que se possa entender o porquê de sistemas socialistas não dependentes do bloco soviético, como a Iugoslávia e a Albânia, sucumbiram na mesma época, já que a URSS era o contrapeso da balança e a marca da defesa do modelo socialista pelo mundo.

Hobsbawm termina o capítulo 16 apresentando duas observações sobre o fim do socialismo europeu: a primeira seria o domínio superficial do comunismo sobre as partes em que conquistou; a segunda seria o fato de que “todos os partidos comunista governantes eram, por opção e definição, elites de minorias.”⁶¹ Para ele, estes dois fatores ajudam a entender o conflito que iria ocorrer nas décadas de 1980-1990 entre

[...] as força de produção de Marx e a superestrutura social, institucional e ideológicas que transformara economias agrárias atrasadas em economias industriais avançadas – a ponto de se transformarem, de forças produtivas, em grilhões da produção.⁶²

Exemplo disso, a inserção cada vez maior dos países socialistas na economia mundial, como no caso da URSS no mercado de energia (o tiro no próprio pé) provocou uma bola de

⁵⁹ Ibid., P.460.

⁶⁰ Ibid., P.473.

⁶¹ Ibid., P.480.

⁶² Ibid., P.481.

neve inflacionária que carregou consigo empréstimos cada vez maiores e salários reais cada vez menores, escassez na produção de bens primários como alimentos e manufaturados. Não bastasse isso, havia ainda o aumento do descrédito que a política socialista estava sofrendo por conta das tomadas de decisões como na Primavera de Praga e os escândalos de perseguição e assassinato do período Stalin, cujos arquivos haviam sido abertos há pouco tempo. Esse distanciamento entre as massas trabalhadoras, a elite política socialista e, concomitantemente, a renovação de uma nova classe média, antes dissolvida na sociedade e que, com as reformas pós anos 1960, passou a ganhar destaque econômico frente à classe trabalhadora, sob a forma de incentivos (como carros e abonos salariais), na tentativa do governo soviético de alavancar a eficiência nas indústrias e campos de produção, gerou instabilidade num modelo de sociedade que buscava a igualdade entre todos e que, portanto, não era compatível com a meritocracia e o individualismo.

Em *Rumo ao Milênio*, Hobsbawm discorre sobre a democratização dos meios de destruição, o enfraquecimento do Estado e os resultados práticos do fim da Guerra Fria e do modelo Imperialista de dominação no mundo. Segundo ele, o fim do século XX não sumiu com o perigo de Guerra Global, apenas o mudara, e o exemplo dado é justamente o da Guerra da Bósnia, onde “não havia linha nítida entre lutas intestinas nacionais e guerras mais reconhecidas, como as do velho tipo, nas quais podiam muito facilmente transformar-se”⁶³.

Para o autor, a explicação pela impotência dos governos em administrar situações como a da Guerra da Bósnia está não somente na profundidade e complexidade que a crise mundial se encontrava, mas também “no aparente fracasso de todos os programas, velhos e novos, para controlar e melhorar os problemas da raça humana.”⁶⁴ Por isso a necessidade de enviar centenas de milhares de soldados à região para resolver o conflito numa região que, há cem anos atrás, era governada pelo Império Habsburgo sem problemas.

Por fim, Hobsbawm comenta que o colapso da URSS trouxe à tona a atenção para o fracasso de comandar uma economia política baseada na propriedade universal, abstendo – se da utilização de mecanismos de mercado e competitividade e preço:

Todas as outras formas históricas do ideal socialista haviam suposto uma economia baseada na propriedade social de todos os meios de produção, distribuição e troca (embora não necessariamente propriedade central do Estado),

⁶³ Ibid., P.539.

⁶⁴ Ibid., P.541.

a eliminação da empresa privada e da alocação de recursos por um mercado competitivo. Daí esse fracasso ter também solapado as aspirações do socialismo não comunista, marxista ou qualquer outro, embora nenhum desses regimes ou governos houvesse de fato alegado ter estabelecido economias socialistas.⁶⁵

A descrença nessa forma de planejamento (marcada pelo colapso da URSS), conjuntamente com o crescimento dos discursos de identidade (muitos deles baseados na xenofobia e no racismo) produziram uma infinidade de Estados menores, enfraquecidos seja pela situação econômica, seja por conta de guerras, ou por ambos os fatores:

O Estado – nação estava sendo erodido de duas formas, de cima e de baixo. [...] Perdia também, como vimos, seu monopólio de poder efetivo e seus privilégios históricos dentro de suas fronteiras, como testemunha a ascensão da segurança privada e dos serviços postais privados competindo com o correio, até então praticamente controlado em toda parte por um ministério de Estado.⁶⁶

O fracasso das ideologias do século XIX, aliado ao enfraquecimento do Estado perante uma nova economia transnacional, o fim do choque de poderes da Guerra Fria e a revolução cultural dos anos 1960 foram o panorama que deu ao século XX um fim marcado por conflitos, incertezas e novas demandas que, ainda hoje são os fantasmas do mundo contemporâneo. Hobsbawm encerra o livro demonstrando cautela com relação ao futuro e, com a maturidade e experiência que já havia conquistado na época, nos adverte:

Sabemos que, por trás da opaca nuvem de nossa ignorância e da incerteza de resultados detalhados, as forças históricas que moldaram o século continuam a operar. [...] As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista, estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano. Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar.⁶⁷

⁶⁵ Ibid., P.542.

⁶⁶ Ibid., P.553-554.

⁶⁷ Ibid., P.562.

3. A ESCRITA DA HISTÓRIA EM JUDT, O PÓS-GUERRA E A IUGOSLÁVIA

Both of us knew that the 20th century can only be understood fully by those who became historians because they lived through it and shared its basic passion: namely the belief that politics was the key to our truths as well as our myths.

(Eric J. Hobsbawm. *After The Cold War*, 2012)

3.1 Sujeito e escritor de seu próprio tempo

Nascido no dia dois de janeiro de 1948, na cidade de Londres, Tony Robert Judt, assim como Hobsbawm, foi um dos grandes historiadores contemporâneos. Polêmico e sem medo de falar o que pensava, Judt buscou na História e na política a base para entender o mundo em que vivia.

Filho de pais judeus, Judt experienciou a segunda metade do século XX de forma ativa. Durante sua juventude, marcado pela criação judaica, aderiu ao movimento sionista do trabalho (Labor Zionism) durante a década de 1960. Após sua experiência trabalhando em um Kibbutz e para as forças israelistas durante a Guerra de seis dias, desiludiu-se com o projeto nacional armamentista e de fanatismo religioso de Israel, tornando-se um dos maiores críticos da política estatal do país. Após integrar os movimentos estudantis radicais na década de 1970, o autor passaria a se distanciar cada vez mais dos grupos políticos de esquerda, outro ponto chave na forma de escrita da história que será sua marcada até os dias finais.

Seus estudos focavam-se na sociedade francesa do século XIX, sobretudo a classe trabalhadora, tema que lecionou por muitos anos no King's College da Universidade de Londres. Ele também lecionou nas universidades de Cambridge, Oxford Berkeley e, posteriormente na Universidade de Nova Iorque. Porém, Judt logo tornou-se um importante comentarista político (muitas vezes ovacionado pelos adeptos do liberalismo e da ultra direita por seu posicionamento crítico forte contra a esquerda de uma forma geral), passando então a trabalhar num escopo maior de assuntos.

Na década de 1990, passou a escrever artigos para jornais e revistas americanas, como o *New York Review of Books*, *New Republic* (onde foi expulso após produzir artigos com críticas severas a Israel, atingindo o então embaixador israelense nos EUA Michael Oren), *The New York Times*, entre outros. Sua carreira seria marcada pela produção destes artigos e

dos livros advindos delas, como é o caso de *Pós Guerra: uma história da Europa desde 1945*, livro tratado neste trabalho.

Assim como Hobsbawm, Judt viu e viveu parte do turbilhão que foi o século XX, buscando sempre na história e a escrita o refúgio necessário para absorver e abstrair as mudanças bruscas que o século produziu. Ambos eram intelectuais à moda antiga, seus trabalhos eram grandiosos e transitavam por diversos campos, como a política, a economia, a filosofia, a antropologia, etc. Isso o rendeu um modo de operar a historiografia bastante peculiar, marcado pela forte opinião que tinha e sempre pautada por uma extensa pesquisa histórica. Sempre comparado a George Orwell, Judt era marcadamente um antagonista e crítico às propostas socialistas, assim como o primeiro, sempre visto como um míssil anti-soviético. Porém, como afirma Hobsbawm, a comparação é perigosa, porque ela não trata de ambos os escritores e possíveis relações entre si, mas sim sobre a Guerra Fria: “[...] a political era that should now be over for good[...]”⁶⁸

Em 2008, foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (conhecida como a doença de Lou Gehrig). No ano seguinte ele já estaria paralizado do pescoço para baixo, tendo que readaptar toda sua vida. No entanto, com sua personalidade forte, o autor buscou desafiar a doença e a própria morte assim como o fazia com as críticas que produzia, mantendo então sua rotina de escrita e de palestras até o fim da vida. Ele faleceu em seis de agosto de 2010.

Uma figura bastante controversa e marcadamente única, Tony Judt é uma importante referência sobre a História da Europa moderna e contemporânea, que buscou na forma de “intelectual público” a maneira de fazer sua voz valer no mundo, como disse o próprio Hobsbawm:

Pós-Guerra estabeleceu a ele, pela primeira vez, o marco de grande expoente da profissão. Ainda sim ele relutou a atuar como um. A sua postura no século XXI era não tanto de um historiador, mas como de um ‘intelectual público’, um brilhante inimigo da auto ilusão enfeitada como jargões teóricos, com o temperamento curto de polemicista natural, um comentarista crítico independente e sem medo em assuntos do mundo. [...] Ele sabia bem dos riscos, pessoais e profissionais, que corria ao atacar as forças combinadas da conquista mundial dos EUA, os neoconservadores e Israel, mas ele tinha bastante do que Bismarck chamava de ‘coragem civil’ (Zivilcourage) – uma qualidade

⁶⁸ HOBBSAWM, Eric J. “After the Cold War: Eric Hobsbawm remembers Tony Judt”. **London Review of Books** Vol.34, nº08, 26 de abril de 2012.

notavelmente em falta em Isaiah Berlin, como Tony mesmo havia dito, talvez não sem malícia.⁶⁹

3.2 Pós – guerra e o fim do século xx

O presente livro não aspira ao distanciamento de um deus do Olimpo. Sem, espero eu, abrir mão da objetividade e da justiça, *Pós-guerra* oferece uma interpretação francamente pessoal do recente passado europeu. Definido por uma expressão que, imerecidamente, adquiriu conotações pejorativas, o livro é ‘cheio de opiniões’. Alguns julgamentos talvez sejam controversos; outros, equivocados. Todos são falíveis. Para o bem ou para o mal, são meus – assim como quaisquer equívocos inevitáveis numa obra de tal extensão e escopo.⁷⁰

Tony Judt abre seu livro com um pequeno prefácio e agradecimentos já demonstrando seu olhar sobre o livro que escrevera. De forma contundente e incisiva, o autor posiciona sua escrita e aponta o tom que estará presente ao longo do livro, preparando o leitor para seu *modus operandi* historiográfico. Ele comenta também os livros que o inspiraram a produzir um trabalho deste porte (*A Era dos Extremos*, de Hobsbawm; *A Europa no Século XX*, de George Lichtheim; *História Inglesa 1914-1945* de A. J. P. Taylor; e *O Fim de uma Ilusão*, de François Furet) e ainda expõe o direcionamento tomado no livro com relação ao público pretendido ao falar sobre as referências: “A fim de não estender um livro já bastante extenso, e que se dirige ao público em geral, não é aqui oferecida a completa documentação relativa às referências.”⁷¹

O livro é dividido em quatro partes, assim dispostas:

<p><i>Pós-Guerra 1945-1953</i></p>	<p>Judt traça um panorama sobre os impactos imediatos sentidos pós-guerra, além de trabalhar a ideia de que a Segunda Guerra Mundial encerrava a Europa moderna definitivamente.</p>
------------------------------------	--

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ JUDT, Tony. Prefácio e Agradecimentos. **Pós-guerra**: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva. 2007. P. II.

⁷¹ Ibid., P. II.

<i>O mal estar na Prosperidade 1953-1971</i>	Nesta parte, o autor comenta sobre as políticas de Estado na Era de Ouro e o equilíbrio de forças estabelecido pela Guerra Fria.
<i>Recessão: 1971-1989</i>	Na terceira parte, Judt trabalha os efeitos diretos da crise do petróleo em 1973 em conjunto com o crescimento da descrença no projeto socialista, por parte do Leste Europeu. Ele narra também o impacto de 1968 na mudança de comportamento da sociedade europeia.
<i>Depois da Queda: 1989-2005</i>	A parte final do livro aborda as consequências do mundo pós comunismo e os efeitos que o fim da Guerra Fria tiveram nas economias e sociedades europeias, além de trabalhar as mudanças cruciais que a Europa vivenciou no século XX. Por fim, Judt comenta a história do tempo presente e a memória coletiva da Europa, historicizando – a, no sentido de trabalhar as narrativas e mitologias acerca do continente.
<i>Epílogo: Da casa dos Mortos</i>	O trecho extra do livro foi um <i>ensaio sobre a memória europeia moderna</i> , onde Judt procura trabalhar com mais afinco a problemática da memória do Holocausto nas sociedades europeias, além de dialogar com as questões epistemológicas sobre memória e esquecimento.

Em sua introdução, Judt já aponta seu posicionamento político explícito ao falar sobre a inspiração de escrever o livro:

Era dezembro de 1989, momento propício. Eu acabava de voltar de Praga, onde dramaturgos e historiadores do Fórum Cívico de Václav Havel desalojavam um Estado policial comunista e atiravam uarenta anos de ‘socialismo real’ na lata de lixo da História. Poucas semanas antes, inesperadamente, o Muro de Berlim tinha sido derrubado. Na Hungria e na Polônia, todos se surpreendiam com os desafios das políticas pós-comunistas: o antigo regime – todo-poderoso até poucos meses antes – retrocedia a uma posição irrelevante.⁷²

Assim como explicitado no capítulo sobre a escrita da História em Hobsbawm, Judt posiciona-se desta forma pois sua posição institucional o permite. Com uma carreira consagrada como professor de universidade e articulista de jornais e revistas especializadas (ainda que carregando muitos críticos ao longo de sua carreira), o autor se dá ao luxo de produzir um trabalho mais desarraigado, visto que o trabalho não pretendia defender uma tese ou qualquer outra forma de provação obrigatória frente à corporação de historiadores.

Diferentemente de Hobsbawm, Judt recorta seu tema à Europa do pós Segunda Guerra Mundial, limitando seu campo de ação num espectro muito menor do que seu colega, o que já proporciona uma diferença com relação ao tratamento de temas e acontecimentos que são tratados em ambas as obras. A lente de Judt com relação à dissolução da Iugoslávia amplia o tema numa resolução que o galga à ganhar um capítulo próprio: *O Ajuste de Contas*. Nesse sentido, torna-se complicado comparar a análise de um trabalho especializado frente à um que se propõe a trabalhar com um conjunto de eventos e lugares ao mesmo tempo. Eis o limite desta monografia, a ser tratado no capítulo seguinte.

Ainda na introdução, o autor aponta a importância histórica que os eventos que levaram ao fim do bloco soviético tiveram no processo de análise histórica do passado europeu recente, utilizando-se do conceito de *passado indizível*:

A Viena no pós-guerra – à semelhança da Europa Ocidental no pós-guerra – era um edifício imponente assentado sobre um passado indizível. Grande parte desse passado infausto ocorrera em regiões que ficaram sob o controle soviético, motivo pelo qual o período foi tão facilmente esquecido (no ocidente) ou abafado (no Leste Europeu). Com a recuperação da Europa Oriental, o passado não seria menos indizível, mas passaria a ser, inevitavelmente, debatido. Depois

⁷² Ibid., P.15.

de 1989, nada mais – nem o futuro, nem o presente e, muito menos o passado – seria o mesmo.⁷³

Sobre essa noção, vale a pena retomar o conceito de “trauma”, abordado brevemente no capítulo “O multiculturalismo como “inimigo” da nação”. É possível aproximar ambos os conceitos, pois o elo que os conecta é o fato da existência de um passado carregado de significados e memórias que produzem efeitos adversos na sociedades que buscam ressuscitá-los, gerando muitas vezes a ideia de que não se deve comentá-los. Aqui no caso trata-se da ascensão do nazismo e seus efeitos colaterais, além também, no caso do bloco soviético, do período anterior a 1989. Carlos Fico, no artigo *História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis* aborda a relação entre os eventos traumáticos e a produção historiográfica, trazendo os argumentos de Henry Rousso e Andreas Huyssen para trabalhar a ideia de que eventos traumáticos na História do Tempo Presente, como as Ditaduras latino-americanas e políticas genocidas como o *apartheid* e o Holocausto podem ser debatidos de modo transversal, ainda que com certas restrições e limitações para combater a generalização exagerada. Comentando o posicionamento de Andreas Huyssen sobre o conceito de “trauma”, Fico aponta que:

Ele vê no Holocausto um ‘índice’ ou ‘chave’ do século XX e do fracasso do Iluminismo: o evento teria se transformado em uma metáfora de outras histórias traumáticas, como as políticas genocidas em Ruanda, Bósnia e Kosovo. A marca do terço final do século XX seria a de uma grande instabilidade e angústia diante de mudanças demasiado aceleradas. Essa nova temporalidade geraria um ‘intenso pânico público pelo esquecimento’ que explicaria a conversão da memória em uma ‘obsessão cultural de proporções monumentais no mundo inteiro.’⁷⁴

Assíduo crítico das teses que enfatizam o Holocausto como um evento histórico único e também da sua constante evocação para explicar eventos contemporâneos⁷⁵, Judt traz à tona este debate alertando o cuidado necessário que se deve ter ao abordar o “passado indizível” ou os “traumas” sociais no caso europeu. Junior (2018) citando Agambén (2008) explica que o

⁷³ Ibid., P. 17.

⁷⁴ FICO, Carlos. op. cit. P.50.

⁷⁵ JUDT, Tony. “The problem of evil in postwar Europe.” **The New York Review of Books**, 14/02/2008. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/2008/02/14/the-problem-of-evil-in-postwar-europe/>

Holocausto produz um efeito triplo: ao mesmo tempo que o acontecimento gera absoluta estranheza e horror para aqueles que não o viveram, tornando – o inenarrável para alguns autores, como Friedländer, muitos daqueles que viveram aquele tempo buscam reprimir suas memórias em busca do esquecimento. Por fim,

ao mesmo tempo em que esses eventos traumáticos são pautados no inacreditável e no indizível, existe uma tendência para se manter o olhar fixo neles. Ocorre aqui, aquilo que se chama de ‘hipermnésia’, isto é, a recordação obsessiva em torno de alguns eventos traumáticos.⁷⁶

Um dado interessante do posicionamento de Tony Judt sobre a escrita da História se encontra, de forma subjetiva, no momento em que fala sobre o porquê de ter escrito o livro muitos anos depois, apesar de sua vontade ter surgido em 1989:

As circunstâncias interferiram. Em retrospecto, foi uma sorte: muitas questões que hoje se tornaram um pouco mais claras estavam então obscuras. Arquivos foram abertos. A confusão inescapável que se observa em processos de transformação revolucionária resolveu-se por si mesma, e ao menos algumas das consequências de longo prazo da reviravolta de 1989 são agora inteligíveis. Mas os tremores que sucederam aos abalos sísmicos de 1989 demoraram a diminuir. Quando voltei a Viena, depois da data em questão, a cidade tentava encontrar meios de abrigar milhares de refugiados oriundos de países vizinhos, como a Croácia e a Bósnia.⁷⁷

Ainda comentando sobre o “passado indizível”, Judt expõe que, apesar do livro abordar a segunda metade do século XX, as origens dos eventos que ocorreram nesse tempo “já estava esboçada na guerra de trinta anos que teve início em 1914, quando o continente europeu embarcou rumo à catástrofe.” Para ele, torna-se compreensível “o desejo de narrar a história da inesperada recuperação da Europa, a partir de 1945, em tom de autocongratulação, ou mesmo de lirismo.”⁷⁸ Aí estaria uma possível explicação do movimento de memória/esquecimento produzido pela sociedade europeia nos anos que se seguiram à 1945. Mas, para Judt, este mito criado contia um núcleo de verdade, ignorando, porém muitas

⁷⁶ JUNIOR, E. J. PEROSA, “A narrativa de eventos traumáticos na história do tempo presente: os desafios para o historiador.” *Diálogos*, 22(1), 2018 P.197. <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/43640>

⁷⁷ JUDT, Tony. op. cit. P. 17.

⁷⁸ *Ibid.*, P.18.

questões. Isso conecta-se com a decisão, segundo o autor, das lideranças europeias tomarem o rumo do Welfare Estate na Europa Ocidental e o rumo do radicalismo político na Europa Oriental: “A Europa foi uma filha insegura da ansiedade. Oprimidos pela História, os líderes europeus implementaram reformas sociais e criaram instituições de caráter profilático, a fim de acuar o passado.”⁷⁹

Judt apresenta ainda o que ele chama de formas temáticas que estão compostas no livro, determinando que não há por trás da obra uma grande teoria sobre o período estudado, mas um conjunto que ele considera como fios condutores. O primeiro trata “do relato da redução da Europa”:⁸⁰ o século XX viu o completo desmoronamento do modelo de dominação europeu no mundo, do status imperialista que a Europa carregou desde o século XVI. Judt ainda comenta que a humilhação sofrida pelas potências europeias, sobretudo as ocidentais, na derrota para o fascismo implicou numa perda do controle do próprio destino, recuperado apenas anos depois.

O segundo ponto apresentado pelo autor refere-se à derrota dos projetos ideológicos de inspiração iluminista e o desmoronamento de todo um *modus operandi* de pensamento, dando espaço à políticas e ideologias mais voltadas às pequenas esferas da sociedade, o que Hobsbawm chamou de políticas de identidade. Em suas palavras:

as últimas décadas do século XX testemunharam o enfraquecimento das ‘narrativas mestras’ da história europeia: as grandes teorias da História, surgidas no século XIX, com seus modelos de progresso e mudança, de revolução e transformação, que abasteceram os projetos políticos e os movimentos sociais responsáveis pela destruição da Europa na primeira metade do século. Depois de 1989, não foi oferecido na Europa qualquer projeto ideológico abrangente, fosse de esquerda ou de direita – a não ser a perspectiva de liberdade, que para a maioria dos europeus era uma promessa agora devidamente cumprida.⁸¹

O terceiro ponto diz respeito ao “modelo europeu” como o substituto de regulação das interações sociais e relações entre Estados às ideologias do século XIX, integrando economia, política e bem-estar social. Para Judt, o modelo surgira de um misto de legislação social-democrata e democrata cristão, substituindo a política de equilíbrio de poder, diplomacia

⁷⁹ Ibid., P.20.

⁸⁰ Ibid., P. 21.

⁸¹ Ibid., P. 21.

estabelecida durante o período do concerto da Europa. O penúltimo ponto a ser tratado pelo autor no livro é a relação construída no pós-guerra entre o continente europeu e os EUA e todas as implicações, seja a Guerra Fria, seja o Plano Marshall e o estreitamento das relações entre a Europa Ocidental e a América.

Por fim, o último ponto tratado por Judt diz respeito aos processos de limpeza étnica e remanejamento de grupos sociais entre as novas fronteiras demarcadas durante o século XX, mas sobretudo na sua segunda metade. A via de mão dupla provocou, de um lado, o surgimento de capitais europeias como cidades globalizadas e cosmopolitas. Por outro lado, o remanejamento demográfico e de fronteiras teve como moeda de troca muitas baixas e verdadeiros genocídios, como os casos da Guerra da Bósnia e do Kosovo, onde verdadeiros campos de concentração foram construídos e televisionados. De acordo com o autor, “a história do pós-guerra na Europa constitui um relato marcado pelo silêncio, pela ausência. O continente europeu fora, no passado, uma intrincada tapeçaria, com idiomas, religiões, comunidades e nações sobrepostas. [...] Mas não devemos idealizar essa velha Europa.”⁸²

No fim da introdução de *Pós-guerra*, Judt faz questão de reforçar o principal argumento que irá sustentar ao longo do livro, explicitando que a Europa dos tempos em que ele escreveu eram o resultado direto das duas grandes guerras; enquanto uma destruiu as fundações da Europa moderna, a segunda criou os meios necessários para o surgimento da Europa tal qual conhecemos:

Conforme o presente livro procura demonstrar, a grande sombra da Segunda Guerra Mundial pesou sobre toda Europa no período pós-guerra. No entanto, tal sombra não podia ser reconhecida em toda sua plenitude. O silêncio em relação ao passado recente da Europa foi condição necessária para a construção de um futuro europeu. [...] O pós-guerra na Europa durou muito tempo, mas, afinal, está chegando ao fim.⁸³

Morto em 2010, Judt não assistiu ao processo de transformação que vem ocorrendo na Europa. As guerras da Síria e Criméia, que geraram uma verdadeira miríade de refugiados; a saída do Reino Unido da União Européia; o avanço de grupos políticos radicais e a pandemia por conta do Covid -19 novamente estão alterando bruscamente o continente. A Europa

⁸² Ibid., P.22.

⁸³ Ibid., P.24.

descrita no *Pós-guerra* de Judt já não é mais a mesma, e em seus últimos trabalhos o autor advertia para a fragilidade das instituições europeias.

3.3 O ajuste de contas de um continente divisível

O ano de 1968 foi especial em praticamente todas as regiões do globo. Manifestações, revoltas e o surgimento de novos movimentos sociais e políticos trouxeram uma nova onda de ideias e preceitos, muitas vezes já ditos, porém reeditados e resignificados à moda da época e que ainda hoje repercutem na nossa sociedade, sobretudo quando falamos em termos de comportamento.

A particularidade deste ano reside no fato de que suas reverberações atingiram diferentes lugares de diferentes formas. No Brasil, a Ditadura Militar buscava reforçar seu controle político sobre o país, enquanto movimentos estudantis protestavam contra o aparelho estatal. Nos EUA, o assassinato de Martin Luther King Jr., importante ativista dos direitos civis, provocou uma onda de revoltas e protestos contra o *establishment* caucasiano americano. Na Tchecoslováquia ocorre a chamada Primavera de Praga, movimento político de reforma e descentralização da economia em busca de uma tendência menos comunista e mais socialdemocrata. Na França, a ofensiva estudantil contra o governo de Charles De Gaulle ganha simpatizantes de outras esferas da sociedade, ato conhecido como *a noite das barricadas*, sofrendo uma contraofensiva do governo violenta. Muitos outros acontecimentos ganharam luz neste ano.

A importância de 1968 para Tony Judt é parte central de seu livro. No capítulo *O poder dos Impotentes*, o autor traça um panorama do processo de desmoralização do projeto comunista soviético e dos movimentos socialistas na Europa, dando particular ênfase na ascensão política dos críticos ao comunismo nos países que constituíam o Bloco Soviético. Para Judt, a diferença deste período em relação aos outros era de que, por conta de fatores como as repressões do governo soviético, em conjunto com o crescimento da recessão econômica e os ventos trazidos da Nova História (sobretudo na França, exemplificado pelo autor na imagem de François Furet) provocaram um revisionismo sobre o que ele chama de narrativas-mestras:

O fracasso do marxismo enquanto política era uma coisa, algo que sempre poderia ser desculpado como infortúnio ou fruto das circunstâncias. Mas se o

marxismo ficasse desacreditado enquanto narrativa-mestra – se nem a razão nem a necessidade agissem na História –, todos os crimes de Stalin, todas as vidas perdidas e os recursos desperdiçados na transformação das sociedades sob a direção do Estado, todos os equívocos e fracassos dos experimentos do século XX que buscavam introduzir a utopia à força deixaram de ser ‘dialeticamente’ explicáveis, como passos em falso no caminho certo. Melhor dizendo, tornar-se-iam exatamente o que os críticos sempre disseram que eram: perda, prejuízo, fracasso e crime.⁸⁴

Esse descrédito crescente no modelo iluminista de ver a História, em conjunto com o descrédito na operabilidade real do modelo soviético levaram os movimentos reformistas a buscar na defesa das políticas de direitos civis uma alternativa de confronto aos governos socialistas. Judt comenta que a busca por uma esfera civil autônoma no Leste Europeu tornou-se um dado do combate aos Estados soviéticos, tendo como exemplo a produção da chamada *Carta 77*, um documento público de crítica ao governo tcheco sobre a não implementação das provisões de direitos humanos constados na Constituição do país, no Ato Final dos Acordos de Helsinque (1975) e nas declarações das Nações Unidas sobre direitos políticos, civis, econômicos e culturais.⁸⁵

Assim como Hobsbawm, Judt atribui também à economia um fator fundamental no processo de erosão do bloco soviético e socialista de uma forma geral. A década de 1970, segundo o autor, demonstrou a ineficiência do modelo soviético de administração públicas, perdendo cada vez mais espaço para uma economia globalizada e transnacional:

Desde 1973, as economias do Leste Europeu estavam ficando muito para trás, até mesmo dos reduzidos índices de crescimento registrados na Europa Ocidental. Na União Soviética, rica em petróleo, exceto um breve acúmulo financeiro causado pelo aumento dos preços de energia, a inflação dos anos 1970 e a ‘globalização’ do comércio e dos serviços nos anos 1980 deixaram as economias do bloco em insuperável desvantagem.⁸⁶

Para o autor, os fatores que produziram essa estagnação seguida de queda na economia pode ser atribuída ao que ele chama de “endêmica ineficiência ideologicamente introduzida.”

⁸⁴ Ibid., P.563.

⁸⁵ Ibid., P.568.

⁸⁶ Ibid., P.576.

Para ele, a crença na produção industrial primária impediu o bloco de transitar da produção extensiva para a produção intensiva e de alto valor, algo ocorrido nas economias ocidentais nas décadas de 1960 e 1970. Judt atribui também a ineficiência ao planejamento centralizado do bloco, que contava com uma gama enorme de aparelhos estatais diferentes, inchando o Estado; congelava a flutuação econômica através do sistema de preços fixos e também ao programa de Brejnev pela “estabilidade de quadros”, que rendia a impossibilidade de alteração de funcionários nos cargos das empresas.⁸⁷

Judt posiciona sua crítica ao modelo de planejamento central de forma particular, deixando claro seu posicionamento político na sua escrita:

Um dos paradoxos do projeto socialista é que a ausência de propriedade costuma gerar mais corrupção, e não menos. Poder, posição e privilégio não podem ser comprados diretamente; antes dependem de relações mutuamente benéficas de apadrinhamento e clientelismo. Direitos legais são substituídos por bajulação, por sua vez recompensada com estabilidade ou promoção funcional. [...] O contrato social socialista ficava resumido sarcasticamente a uma piadinha popular: ‘Vocês fingem que trabalham; nós fingimos que pagamos.’⁸⁸

A alternativa, em fins dos anos 1980, de países soviéticos buscarem empréstimos nas instituições ocidentais, como o FMI e o Banco Mundial, gerou uma catastrófica bola de neve nas economias, que já não conseguiam mais conter os aumentos dos preços, necessários. Aliado a isso, o programa de reformas havia chegado tarde demais para conter essa onda em direção à estagnação e, posteriormente, à recessão. Para o autor, contudo, “o fato de que o ‘socialismo real’ não funcionava e estava desacreditado, por si só, não selou o destino do regime.” A mudanças que provocariam os tremores finais no sistema soviético advinham das novas lideranças políticas que se encontrariam em Moscou,⁸⁹ visto que boa parte das lideranças socialistas eram homens de tempos passados: a *velha ordem*.

A queda do muro de Berlim em 1989 e a posterior reunificação da Alemanha no ano seguinte abalaram as estruturas sóciopolíticas da Europa. Os eventos que ali sucederam foram o início definitivo para o fim do bloco soviético e das experiências socialistas na Europa, ainda que na época o futuro fosse bastante nebuloso e incerto.

⁸⁷ Ibid., P.576-577.

⁸⁸ Ibid., P.578.

⁸⁹ Ibid., P.582.

A insegurança das potências europeias frente à uma nova unificação da Alemanha produziu cautela entre os britânicos, franceses e soviéticos. Foi, porém, o empurrão que levou muitos grupos e movimentos contrários ao *establishment* soviético a se levantarem e organizarem as mudanças que seriam vistas durante os anos 1990. Judt aponta que a incerteza sobre o que aconteceria após a queda do muro pode ser a chave para entender os eventos que se sucederam:

Gorbachev, assim como todos na década de 1990, fazia um vôo cego. Quer no Oriente, quer no Ocidente, ninguém dispunha de um plano que detalhasse o proceder se a RDA se desintegrasse; tampouco havia projetos para a unificação alemã. Mas, ao contrário dos colegas ocidentais, o líder soviético não contava com boas opções.⁹⁰

Para ele, a resposta para a desintegração “pacífica” da URSS era de que, na verdade, a URSS não havia desaparecido, mas sim se despedaçado em diversos pequenos Estados, comandados por aqueles que atendiam às demandas do governo central. Nesse sentido, não teria ocorrido uma “transição para a democracia”, mas sim um reducionismo do poder autocrático do Estado: “[...] o aparecimento dos novos Estados não deveria ser interpretado como prova de que a União Soviética tivesse desmoronado sob o peso de um nacionalismo antes adormecido e agora recém despertado.”⁹¹

O impacto da unificação alemã no caso da Iugoslávia fora particularmente mais forte do que havia sido na própria URSS, pois muitos iugoslavos tinham relações pessoais com alemães e muitos migravam para o país em busca de trabalho. Diferentemente da URSS, a Iugoslávia não haviam se fechado no cerco do Comecon, devido aos conflitos entre o projeto de Stalin e o de Tito, construindo então um projeto econômico socialista mais descentralizado e fazendo comércio exterior com os países do Ocidente, sobretudo os EUA. Além disso, a imagem de Tito após a libertação iugoslava de domínio nazista era intocável, tal qual Lênin havia sido na revolução de 1917. O que explicaria então a dissolução da Iugoslávia?

Antes de propor sua tese sobre o tema, Judt apresenta ao leitor dois modelos interpretativos recorrentes. O primeiro toma “os Bálcãs como causa perdida, um caldeirão de

⁹⁰ Ibid., P.635.

⁹¹ Ibid., P.651.

rixas inexplicáveis e ódios antigos.”⁹² Como vimos no primeiro capítulo, este modelo interpretativo baseia-se no conceito de Balcanismo, onde as condições históricas e geográficas do lugar provam ser determinantes na conduta das sociedades que ali residem. O rancor, ódio e sentimento de vingança apregoado entre os grupos étnicos teriam sido resguardados até a hora zero; assim, “o que aconteceu depois de 1989 foi simples: removida a tampa, o caldeirão explodiu”.⁹³ Já o segundo aponta as ambições imperialistas e as intervenções externas como os principais causadores dos desafetos na região: “Se havia derramamento de sangue entre os povos da região, o motivo remetia à manipulação imperialista e não à hostilidade étnica.”⁹⁴

Judt então comenta que o ponto em comum entre ambas as teses era o fato de que elas ignoravam ou diminuíaam o papel dos próprios iugoslavos como agentes de seu próprio destino. Para ele, é certo que existia “muita história enterrada nas montanhas da antiga Iugoslávia” bem como “fatores externos de fato contribuíram de modo crucial para a tragédia do país”, porém, a desintegração da Iugoslávia era “obra do homem, não do destino”⁹⁵, exemplificando que, em 1981, na cidade de Sarajevo, 20% da população dizia serem iugoslavos.

O autor busca então esclarecer os argumentos que vão contra a ideia de que a etnia, a língua, o passado e a religiosidade foram fatores determinantes para os conflitos que se seguiram à dissolução. Para ele, a fonte dos desafetos na região estava na economia e não nos fatores culturais:

Assim como na Itália, na Iugoslávia o norte mais próspero se tornava cada vez mais avesso ao sul empobrecido, sustentado – supostamente – à base de repasses e subsídios viabilizados por concidadãos mais produtivos. O contraste entre riqueza e pobreza na Iugoslávia se acentuava cada vez mais – e demonstrava uma preocupante correlação com a geografia.⁹⁶

Com a morte de Tito, em 1980, a instabilidade econômica, cada vez mais sentida desde a década anterior, agravou – se com a instabilidade política gerada pelo vazio administrativo. Sem uma figura pública tal qual era Tito, as lideranças públicas como Slobodan Milošević (ao

⁹² Ibid., P.658.

⁹³ Ibid., P.658.

⁹⁴ Ibid., P.659.

⁹⁵ Ibid., P.659.

⁹⁶ Ibid., P.663.

lado, posteriormente, de Franjo Tudjman e Alija Izetbegović), passaram a evocar os passados nacionalistas dos países como fonte de validação para a manutenção do poder: “O equilíbrio de influências entre as diversas Repúblicas (cuidadosamente calculado) fora sustentado, primeiramente, pela liderança carismática de Tito e, então por um sistema de rodízio na presidência. Em março de 1989, Milošević resolveu derrubar tal esquema.”⁹⁷

O movimento político de Milošević provocou então o embate de forças dentro da Federação, paralisando-a. Em meio a uma situação instável política e economicamente, além do advento da queda do muro de Berlim, países como a Eslovênia e a Croácia passaram a buscar então a independência. Judt menciona um fator diferencial no caso iugoslavo perante as independências do bloco soviético: a mistura étnico-racial e religiosa que havia nos países.

A separação entre as repúblicas que formavam a Iugoslávia iria resultar na produção de grupos sociais minoritários em todas as regiões, tornando-se outsiders em sociedades que buscariam no nacionalismo (pautado pela etnia e religiosidade) a chave para a condução política do país. Os resultados foram 10 anos de uma guerra civil marcada pelo genocídio e a limpeza étnica das regiões dos Balcãs. A interferência externa no conflito (pela via da Comunidade europeia e, posteriormente, da ONU), segundo o autor, pouco tinha resultado, isso quando não acentuavam os problemas durante as guerra:

Mas, apesar de criar comissões de alto nível para investigar, arbitrar e propor, a Comunidade Européia e suas diversas agências se mostraram bem impotentes – mesmo porque os próprios membros estavam divididos entre os que – a exemplo da Alemanha e da Áustria – eram favoráveis às repúblicas separatistas, e outros – liderados pela França – que pretendiam manter as fronteiras e os Estados e que, por esse motivo (e outros), demonstravam certa simpatia pela Sérvia.⁹⁸

Com a atuação americana no conflito via OTAN após o massacre advindo do bombardeio no mercado público de Sarajevo, em 1995,⁹⁹ a possibilidade de fim do conflito na Bósnia se encontraria nas negociações entre as lideranças locais e americanas na base militar de Dayton, em Ohio. Contudo, o fim da guerra civil na região seguiu-se à outro conflito, desta vez na região histórica do Kosovo.

⁹⁷ Ibid., P.664.

⁹⁸ Ibid., P.668.

⁹⁹ A atuação do governo Americano fora responder ao massacre também com um bombardeio nas regiões em que grupos de sérvios – bósnios se agrupavam, na tentativa de reduzir seu aparato militar.

No trecho final do capítulo *Ajustes de Contas* o autor busca entender quais os fatores que podem explicar a difícil transição das sociedades no mundo pós comunismo. No caso iugoslavo, Judt aponta que vários foram os culpados da tragédia, desde as potências europeias e os EUA até os próprios iugoslavos, fossem eles croatas, sérvios, muçulmanos. Segundo ele, “a Iugoslávia não caiu: foi empurrada. Não Morreu: foi morta.”¹⁰⁰ A herança econômica fora o principal problema do mundo pós comunismo, onde a transição de um sistema socialista para um sistema de mercado seria marcada pelo que ele chama de “privatização enquanto cleptocracia.”¹⁰¹

Em conjunto, o choque geracional entre aqueles que vivenciaram o século XX e os que haviam nascido nos períodos conturbados contribuía para dificultar a transição do comunismo para a democracia, onde o anticomunismo andava lado a lado com a nostalgia dos governos q as revoluções haviam destruído, buscava-se então o acerto de contas com o passado ao mesmo tempo em que se construía o futuro.¹⁰²

¹⁰⁰ Ibid., P.677.

¹⁰¹ Ibid., P.681.

¹⁰² Ibid., P.688.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto para Hobsbawm quanto para Judt, a história é elemento fundamental das sociedades contemporâneas. É o instrumento pelo qual se analisa coerentemente tempos e lugares passados, de onde não se deve prover as respostas para o futuro (como Herodoto pensava), mas sim estabelecer qual é o ponto de partida para a mudança. Aliada a política, a história tem uma função social que vai além de ser apenas um compêndio de eventos que já ocorreram; ela tem um papel importante em historicizar o tempo vivido, nos permitindo se conectar a uma passado que o próprio tempo que vivemos busca apagar. Ao encerrar o livro *As Escolas Históricas*, Hervé Martin retoma a importância de entender como o discurso histórico está sempre em movimento, sendo necessário questionar as estruturas que o cercam:

Já que a história se revela tão maleável ao sabor dos desejos e das escolhas tendenciosas de cada um, já que, como a autoridade escrituária aos olhos dos pensadores escolásticos, ‘ela tem um nariz de cera’ [...] toda produção que se diz pertencente a ela deve ser submetida a uma investigação cerrada: de que *lugar* social ou institucional seu autor fala? Quais são suas motivações profundas, suas escolhas metodológicas, suas opções políticas ou filosóficas? [...] Na esteira de Jean Delumeau, conviria que todo historiador se perguntasse se o fato de se lançar num trabalho histórico não é para ele uma certa maneira de escrever suas *Recordações de infância e de juventude*.¹⁰³

Ainda que as escolas históricas do século XIX tenham tentado distanciar a operação historiográfica da vida comum daquele que a escreve, temos hoje os olhos abertos para sabermos que nosso tempo vivido tem influência direta em todas as fases da produção de um trabalho de História. Desde a escolha do tema e das fontes; os autores selecionados; nossos posicionamentos políticos, culturais; a sociedade em que vivemos, etc. são parte integrante da nossa forma de escrever sobre o passado. Isso não significa que a subjetividade torna-se principal pilar da escrita da História, visto que ao longo de séculos ela tem se modificado, mas é preciso ter consciência que a História é uma produção humana, e como consequência, é impossível criar um produto que tenha carga neutra. O quadro a seguir mostra como isso se dá no caso aqui estudado:

¹⁰³ BOURDÉ, Guy; MARTIN Hervé e BALMAND, Pascal. op. cit. P. 362-364.

Quadro comparativo dos argumentos sobre o fim da Iugoslávia:	
Hobsbawm	Tony Judt
A crise do petróleo de 1973 como fator importante no condicionamento das dinâmicas entre as economias do mundo. O impacto direto está na “regressão real” das economias socialistas. Indiretamente o impacto está no campo ideológico, marcado pelas disputas entre os “comunistas” e o “mundo livre”.	Os movimentos sociais de 1968 e a ascensão política de críticos aos sistemas socialistas teriam gerado um processo de desmoralização do projeto comunista soviético e dos movimentos socialistas na Europa, fomentando o revisionismo das narrativas-mestras herdeiras do Iluminismo, como o marxismo.
O processo de reestruturação produtiva do capital e a transnacionalização das economias, conjuntamente com a guinada política pós 1968 e o surgimento de novos espectros políticos acabou abalando o <i>establishment</i> político e econômico tradicional, enfraquecendo-o ainda mais.	A busca pelo que o autor chama de esfera civil autônoma no Leste Europeu, utilizando-se do discurso ideológico pelos direitos humanos, era uma saída para o confronto não armado contra os sistemas socialistas, sendo a base dos movimentos contestadores.
O fortalecimento do que o autor chama de “política de identidade” contribuiu para o acirramento de grupos sociais antagonistas. Seja por conta da religião, seja por conta de acontecimentos do passado, como fora o caso da guerra do Kosovo, seja por conta de etnia/raça, isto acabou sendo o gatilho utilizado por grupos políticos durante a dissolução da Iugoslávia.	A ineficiência do modelo socialista de administração pública, marcada pela crise econômica da década de 1970, e a transnacionalização das economias seria também um dos fatores para a implosão dos projetos socialistas nas décadas seguintes. A causa primária seria a “endêmica ineficiência ideologicamente introduzida”.
O surgimento dos nacionalismos separatistas do final do século XX pautados no que o autor chama de egoísmo coletivo: para ele, a pressão pela divisão da Iugoslávia partia da Eslovênia e da Croácia “europeias”. Retoma-se o debate sobre as comunidades imaginadas e a forma como os grupos sociais buscam se	Judt atribui aos povos iugoslavos a culpa pelos eventos causados na região. Para ele, a desintegração da Federação era obra daqueles que a comandavam, e não dos impasses étnico-raciais e religiosos, nem do Imperialismo (ainda que ambos tivessem impacto na região). O desafio teria relação

<p>identificar perante outros. No caso, ambos os países viam no descompasso da distribuição de renda na federação iugoslava uma injustiça. Em conjunto, os grupos políticos viam nas independências a chance de ingressar na comunidade europeia.</p>	<p>então com a economia e a geografia, que demarcavam o norte rico e o sul pobre. Em conjunto, o vazio administrativo causado pela morte de Tito e as disputas políticas decorrentes disso geraram a paralisação de um sistema instável.</p>
<p>A perda de credibilidade nos sistemas socialistas também é foco da argumentação de Hobsbawm. Fundados pelas “elites de minorias”, e tendo economias instáveis, cuja repressão crescia através do uso da violência de Estado no final dos anos 1970/1980, os sistemas se encontravam cada vez mais pressionados para realizar reformas, que acabaram sendo o início do fim dos mesmos.</p>	<p>O atraso nas reformas necessárias para conter a estagnação, aliada ao que o autor chama de paradoxo do sistema socialista (onde a ausência de propriedade gera mais corrupção, e não menos), fora a pá de cal para a implosão dos modelos socialistas.</p>
<p>A ruína da URSS teve impacto direto também nos países socialistas que não pertenciam ao bloco, como a Iugoslávia, visto que a União Soviética era a guardiã do modelo e ideais socialistas.</p>	<p>A ineficiência dos órgãos estrangeiros em tentar amenizar os conflitos, aliada a um choque geracional intenso e à herança dos anos socialistas também são fatores importantes que explicam mais de 10 anos de conflito na região.</p>

Hobsbawm se pauta nas transformações da economia-mundo, nas políticas de identidade, no egoísmo coletivo e na perda de credibilidade dos sistemas socialistas para tentar responder o porquê de a Iugoslávia ter desaparecido da forma que ocorreu. Já Judt se pauta na atuação humana direta como causa da desintegração da Federação, além também do que ele chama de inoperância do sistema comunista, ainda que os fatores econômicos e culturais tenham papel importante na sua tese. O que ocorre então é que Hobsbawm busca perceber o processo de desintegração da Iugoslávia dentro de um panorama maior: o fim do mundo socialista, enquanto que Judt busca se aprofundar na história do acontecimento específico, ainda que o relacione com os fatores externos que compõem o quadro da desintegração.

Em termos amplos, Hobsbawm e seu posicionamento político marxista produziram obras essenciais para a historiografia contemporânea e para a área de uma forma geral. Judt com seu posicionamento socialdemocrata também produziu obras essenciais para o campo. Retomar então o que Hervé Martin chama de “introspecção do historiador” torna-se indispensável na análise da produção histórica. É o momento de reflexão sobre os fatores que determinam e delimitam aquilo que vamos escrever. Isso gera uma melhor percepção sobre o que queremos com aquela pesquisa, aonde queremos chegar e quais foram os fatores que moveram outros historiadores a produzirem suas obras. A beleza da escrita da história está no fato de que as questões de método podem ser abordadas de diversas formas (pela via filosófica, epistemológica, seu papel social, etc.), gerando novos cruzamentos e que podem levar a novas indagações, produzindo um conhecimento que sempre dialoga com seu tempo.

Por isso, ao trabalharmos com a análise da escrita da história, devemos também ter o cuidado de observarmos aquele que a escreve. O presente trabalho buscou pautar-se nesses parâmetros (junto à escolha de um tema específico) para poder abordar uma pequena fatia das vastas obras que ambos os autores têm, e dela buscar produzir uma reflexão sobre a nossa profissão. O movimento então gera duas consequências: o meu aperfeiçoamento pessoal como futuro historiador e cidadão do tempo em que vivo; e também o compartilhamento de um conhecimento que é construído de forma coletiva e que deve ser acessível a todos. Judt afirma que:

Ao contrário da memória, que afirma e reforça a si mesma, a História contribui para a desilusão do mundo. A maior parte do que a disciplina tem a oferecer é incômodo e até perturbador – motivo pelo qual nem sempre é politicamente aconselhável manusear o passado como um cassete moral para espancar ou censurar um povo em consequência de pecados por ele cometidos. Mas a História precisa ser aprendida – e, periodicamente, reaprendida. Numa piada corrente na era soviética, um ouvinte telefona para a Rádio Armênia e pergunta: ‘É possível prever o futuro?’ Resposta: “Sim, sem problema. Sabemos exatamente como será o futuro. Nosso problema é o passado: está sempre mudando.”¹⁰⁴

Falar, portanto, da dissolução da Iugoslávia não significa apenas tratar de um acontecimento morto e enterrado no passado. Significa olhar para trás e buscar entender

¹⁰⁴ JUDT, Tony. op.cit. P. 815.

porque o mundo de hoje é tal qual é, tendo noção, ainda, de que a História é fluida e está em constante mudança. As implicações dos conflitos nos Balcãs (e também em outras regiões) atingem ainda hoje o cotidiano daqueles que ali vivem, como já vimos nos capítulos anteriores. Também atinge a nós, que vimos a violência ser televisionada nos anos 1990 e reproduzida nos dias atuais através de canais de *streaming*, como o Youtube, documentários, filmes, entre outros, e que se perpetua numa sociedade onde a hostilidade adquire um status banalizado. Nada melhor então do que escolher e contrapor duas grandes figuras da profissão para pensar a escrita da História e o nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.

ARRAIS, Cristiano Alencar. “Métodos e Perspectivas na teoria da História de Jörn Rüsen”. *Rev. História da Historiografia*, N°05, Ouro Preto, Set. de 2010. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/167/152>>

BOURDÉ, Guy; MARTIN Hervé e BALMAND, Pascal. *As Escolas Históricas*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2018.

CALDAS, Pedro, Spinola Pereira. “Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa Histórica: Reflexões sobre uma experiência didática.” *Rev. De Teoria da História*, ano 01, n°03, Universidade Federal de Goiás jun. de 2010, ISSN: 2175-5892. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28628>>

CANABARRO, Ivo dos Santos. “Teoría e Métodos da História I”. Coleção Educação a Distância, Editora Unijuí, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/246/Teoria%20e%20m%C3%A9todos%20da%20hist%C3%B3ria%20I.pdf>>

CATROGA, Fernando. *Pátria e Nação. A geografia dos Afectos pátrios: as reformas político – administrativas (séculos XIX e XX)*. Ed. Almedina, Coimbra, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1982.

CORRÊA, Priscila Gomes. *História, Política e Revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH, USP, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-120331/publico/TESE_PRISCILA_GOMES_CORREA.pdf>

FICO, Carlos. “História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis.” *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 28, n° 47, p.43-59, jan/jun 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/vh/v28n47/03.pdf>>

FILIPOVIC, Zlata. *O Diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra.* Trad.: SOARES, Antônio de Macedo; JAHN, Heloísa. Prefácio: SERVA, Leão. SP: Cia das Letras. 1994.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade.* Rio de Janeiro, Ed. LTC. 1962.

_____. Report on Yugoslavia and Italy. April 13, 1973. 77011.37. Milton Friedman papers. Hoover Institution Archives, Stanford, CA. Disponível em: <<https://miltonfriedman.hoover.org/objects/52216>>

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX: (1914-1991).* São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1995.

_____. *Tempos Interessantes: uma vida no século XX.* São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2002.

_____. “After the Cold War: Eric Hobsbawm remembers Tony Judt.” London Review of Book Vol.34, nº08, 26 de abril de 2012. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/the-paper/v34/n08/eric-hobsbawm/after-the-cold-war>>

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945.* Rio de Janeiro, Ed. Objetiva. 2007.

_____. “The problem of evil in postwar Europe.” The New York Review of Books, 14/02/2008. Disponível em: <<https://www.nybooks.com/articles/2008/02/14/the-problem-of-evil-in-postwar-europe/>>

JUNIOR, E. J. PEROSA, “A narrativa de eventos traumáticos na história do tempo presente: os desafios para o historiador.” *Diálogos*, 22(1), 2018 P.197. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/43640>>

MALERBA, Jurandir. “Estrutura, Estruturalismo e História Estrutural”. *Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol.12, num. 1, 2008, p.19-55. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38203>>

MAZOWER, Mark. *The Balkans: a short History*. Modern Library Chronicles, Nova Iorque, 2000.

_____. *Continente Sombrio: A Europa no século XX*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2001.

MILOSEVIC, Slobodan. *Saint Vitus Day Speech*. Speech delivered to 1 million people at the central celebration marking the 600th anniversary of the Battle of Kosovo, held at Gazimestan on 28 June, 1989. Compiled by the National Technical Information Service of the Department of Commerce of the U.S. Disponível em: <<http://www.slobodan-milosevic.org/spch-kosovo1989.htm>>

MOTTA, Paulo Roberto. “Autogestão: a experiência iugoslava”. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, Edição nº14 (1) Jan./Mar. 1980. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/download/7557/6054/0>>

PASSAGE, Jeffrey Scott. *The collapse of Yugoslavia and The Bosnian war: The impact of International Intervention in a regional conflict*. Tese de Mestrado apresentada para a Universidade Politécnica do Estado da Califórnia, Sna Luis Obispo, 2011. Disponível em: <<https://digitalcommons.calpoly.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1597&context=theses>>

PERES, Andréa Carolina Schwartz. “Contestação e inquietude: entre o universalismo do cidadão bósnio e o particularismo dos grupos nacionais na Bósnia-Herzegovina”. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402002300_ARQUIVO_paperAndreaPeres.pdf>

PETAK, Zdravko. *The Political Economy Background of Yugoslav Dissolution*. Presented at the Conflict Resolution and Self-Governance in Africa (And Other Regions) Mini-Conference, May 3 rd and 5 th, 2003, Workshop in Political Theory and Policy Analysis, Indiana University, Bloomington, Indiana, EUA. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.563.1504&rep=rep1&type=pdf>>

POMPÉO, Wagner A. H. “História (do Tempo Presente), memória e trauma na Ditadura do Estado Novo no Brasil (1937-1945)”. Cadernos do Tempo Presente – ISSN: 2179-2143, São

Cristóvão-SE, v. 09, n. 02, p.17-27, jul/dez. 2018. Disponível em:
<<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/11167>>

QUEIROZ, Bertino Nóbrega de. *A autogestão iugoslava*. Dissertação do curso de Mestrado da Fundação Getúlio Vargas. Fortaleza, Dez. 1981. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10774>>

SILVA, Rogério Chaves da. “Método e sentido’: a pesquisa e a historiografia na teoria de Jörn Rüsen”. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n°17, Florianópolis, 2009.
Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_17%20pdfs/art2_format_metodo_sentido_rogerio.pdf>